



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

Afetos entre Avós e Netos e o Bem-Estar Psicológico em Jovens Universitários

Mariana Mourão Lança

Orientador(es) | Helderina Samutelela Pires

Évora 2021



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia da Educação

Dissertação

Afetos entre Avós e Netos e o Bem-Estar Psicológico em Jovens Universitários

Mariana Mourão Lança

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2021





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Constança Biscaia (Universidade de Évora)

Vogais | António Moreira Diniz (Universidade de Évora) (Arguente)
Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora) (Orientador)

“Porque os avós não contam histórias: são a nossa história! E só por isso, como mais ninguém, dizem-nos quem somos.”

Eduardo Sá

Afetos entre Avós e Netos e o Bem-Estar Psicológico em Jovens Universitários

Resumo

Uma relação positiva existente entre avós e netos é uma relação familiar com grande destaque - constituindo-se como uma variável associada à presença de bem-estar psicológico de ambas as partes. Neste sentido, por existir cada vez mais uma presença assídua e mais duradoura dos avós na vida dos netos, surge a necessidade de explorar e compreender como é que a relação entre avós e netos influencia o bem-estar psicológico dos netos, neste caso, jovens-universitários. Através da aplicação da Escala de Afetos entre Avós e Netos e da Escala de Medida de Manifestação de Bem-Estar Psicológico a um total de 240 jovens-universitários de ambos os géneros, verificou-se que existe, efetivamente, uma relação entre os afetos recebidos e o bem-estar psicológico dos jovens-universitários, nomeadamente nos que se referem à subescala “Amor e Estima”. Assinala-se, ainda, uma discussão relativamente a todos os resultados obtidos associada a uma componente crítica relativamente à temática.

Palavras-Chave: afetos, bem-estar psicológico, avós, netos, jovens-universitários

Affections between grandparents and grandchildren and the psychological well-being of college students

Abstract

A positive relationship between grandparents and grandchildren is family relationship with great prominence - constituting itself as a variable associated with the presence of psychological well-being on both sides. In this sense, because there is an increasing and assiduous presence of grandparents in the life of grandchildren, there is a need to verify and understand how the relationship between grandparents and grandchildren influences the psychological well-being of grandchildren, in this case, young adult grandchildren – college students. Through the application of the Grandchildren's Received Affection Scale and "Escala de Medida de Manifestação de Bem-Estar Psicológico" to a total of 240 college students of both genders, it was found that there is, in fact, a relationship between the received affects and the psychological well-being, particularly in the subscale "Love and Esteem". It is also worth noting a discussion regarding all the results obtained, associated with a critical component in relation to the theme.

Key-words: affections, psychological well-being, grandparents, grandchildren, college students

Agradecimentos

Foram cinco anos de desafios, de amores e desamores, de muita dedicação. Cinco anos do meu percurso académico na Muy Nobre e Sempre Leal Cidade de Évora que terminam com a redação da presente dissertação. Uma cidade especial, que se tornou casa – e que para sempre me irá proporcionar essa mesma sensação.

À Professora Doutora Heldemerina Pires, o meu profundo obrigado. Por toda a confiança que depositou em mim, por toda a sua atenção e disponibilidade. Por me assegurar um apoio constante que tanto me deu força. Por acreditar em mim e nas minhas competências, quando eu própria não o conseguia fazer. Sou-lhe muito grata e nunca me esquecerei de si. Ao Professor Doutor António Diniz, um especial obrigado por todo o conhecimento que partilhou comigo ao longo do meu percurso académico e, especialmente, no Estágio Curricular; sem o Professor, não teria o rigor técnico e científico necessário à conclusão do meu percurso académico. Um muito obrigado.

À minha família, faltam-me as palavras. À minha mãe, que me ensinou a voar e, ao mesmo tempo, a manter os pés bem assentes na terra; um tamanho obrigado por tudo o que fizeste (e fazes) por mim. À minha avó, pelo apoio incondicional, por toda a força que representa e que eu espero, um dia, vir a ter. Não podia ter alguém tão inspirador na vida quanto a minha avó e o meu avô: esta dissertação é para vocês. À minha *beche*... não seria a pessoa que sou hoje se não te tivesse a meu lado. Crescemos longe durante o meu percurso, mas crescemos juntas, sempre. Ao meu pai, que por mais distância que nos pudesse separar, esteve sempre presente; todos os dias. Obrigado por todo o carinho e apoio constantes. À minha tia, por desde cedo me inspirar em ser melhor – comigo e com o outro; por demonstrar o que é ter amor à profissão e o que podemos fazer com o mesmo. Tudo o que sou hoje, é graças a vocês. Espero fazer-vos tão orgulhosos como vocês me fazem a mim.

Ao Jorge, agradeço do fundo do meu coração. Iniciei esta minha aventura a teu lado e, contigo, a termino – sempre de mãos dadas. Por todo o amor que me proporcionas e por toda a segurança que me transmites. Pela tua presença em todos os momentos da minha vida, que é tão mais completa contigo. Gosto muito de ti.

À Margarida, à Patrícia e à Rouxinol, o meu eterno obrigado. São a ilustração do porto seguro mais bonito que existe; a prova de que a amizade nos mantém sãos e

salvos, por mais difíceis que os tempos sejam. São poucas as palavras que poderão resumir o profundo agradecimento que vos faço, de tão importantes que são para mim. Obrigada por fazerem parte da minha vida. Não seria, de todo, tão completa como sou com vocês. Adoro-vos. Ao Duarte, o meu especial agradecimento por todo o apoio que me proporcionou, com especial ênfase nesta última fase do nosso percurso académico; há quem chegue tarde, mas com um bonito propósito. E a nossa amizade é a prova viva disso.

Muito obrigada a todos!

Mariana

Índice

Introdução e Enquadramento Teórico	8
1. Relações afetivas na família	8
2. Relações Afetivas entre Avós e Netos	11
3. Bem-Estar Psicológico dos Jovens-Universitários e Importância dos Afetos dos Avós	17
Formulação dos Objetivos	21
Método.....	21
Caraterização da Amostra.....	21
Instrumentos de Avaliação.....	24
Procedimentos.....	26
Procedimentos de Análise de Dados.....	26
Resultados.....	28
Discussão dos Resultados	35
Referências Bibliográficas.....	42

Índice de Anexos

Anexo 1.	51
Anexo 2.	51
Anexo 3.	52
Anexo 4.	52
Anexo 5.	53
Anexo 6.	53
Anexo 7.	54
Anexo 8.	54
Anexo 9.	54
Anexo 10.	55
Anexo 11.	55
Anexo 12.	56
Anexo 13.	56
Anexo 14.	57
Anexo 15.	57
Anexo 16.	58
Anexo 17.	58
Anexo 18.	58

Introdução e Enquadramento Teórico

Ao definirmos o conceito de família definimos, com ela, o espaço de vivência afetiva necessária ao normal desenvolvimento do ser humano sustentado pela qualidade das relações criadas e desenvolvidas (Alarcão, 2002). A par das relações mais estudadas, como o caso da relação entre pais e filhos, surge, também, a relação entre avós e netos. Apesar de não se demonstrar como uma relação de destaque empírico (Mansson, Floyd & Soliz, 2017), é constatado que a mesma se constitui como um benefício para o pleno desenvolvimento dos netos (Soliz, 2015; Mansson, Floyd & Soliz, 2017). Devido à ampliação da pirâmide geracional da família proporcionada pelo envelhecimento demográfico da população, tem-se vindo a observar que a relação entre avós e netos se prolonga até à entrada na idade adulta dos netos (Hayslip, Maiden e Dolbin-MacNab, 2015); de facto, esta é uma das relações mais consistentes que um jovem-adulto poderá deter (Ruiz & Silverstein, 2007 citado por Sciplino & Kinshott, 2019), especialmente aquando a entrada e frequência do Ensino Superior. De cariz desafiante (Castro & Almeida, 2016; Nicholas, Soptich, Tyson, Abraham, Perry & Gillum, 2018), esta é uma etapa onde o bem-estar psicológico dos jovens-universitários poderá ser preservado pela presença da família, nomeadamente, pela presença dos avós. Apesar da escassa literatura sobre a temática (Mansson, Floyd & Soliz, 2017), é verificado que a relação afetiva entre avós e netos é associada positivamente ao envolvimento social dos jovens-universitários, bem como a uma sensação de estabilidade (Mansson & Booth-Butterfield, 2011; Bernhold (2019) propiciando, assim, maiores níveis de bem-estar psicológico nos estudantes.

1. Relações afetivas na família

1.1. Família

O conceito de família é, atualmente, um conceito desprovido de uma única definição pela sua permuta nos mais diversos contextos e/ou situações – o que implica uma crescente necessidade de o definir cientificamente. Segundo Alarcão (2002), a família constitui-se como um espaço privilegiado para o desenvolvimento das dimensões significativas da interação do ser humano (i.e, linguagem, comunicação, relações interpessoais), onde se vivenciam e experienciam as relações afetivas. É, sob

uma perspetiva sistémica (Sampaio, 1985, citado por Alarcão, 2002), considerada como um sistema onde subsiste um conjunto de elementos interligados por múltiplas relações – ocorrendo tanto intrínseca (e.g. subsistemas definidos consoante geração, género, funções) como extrinsecamente (e.g. suprassistemas como relações familiares mais extensas). Perspetivada como um “*um sistema de interação que supera e articula dentro dela os vários componentes individuais*” (Andolfi, 1981 pp. 19-20 citado por Alarcão, 2002) dos seus constituintes, é um espaço onde a comunicação ressalta pela sua importância, na medida em que se forma o elo de ligação possibilitador da manutenção e sustentação do sistema (Dias, 2011).

De acordo com a Teoria Ecológica de Bronfenbrenner (1979), a família enquadra-se no microssistema – sendo este o primeiro espaço de desenvolvimento da criança, sendo constituído, normalmente, pela família (Bronfenbrenner, 1994); é no ambiente familiar que a criança vai estabelecer as primeiras relações que, por sua vez, se demonstram como cruciais para o seu pleno desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979). No entanto, segundo a teoria, importa perspetivar a influencia mútua entre o microssistema e as restantes estruturas concêntricas (nomeadamente, o mesossistema, exossistema e macrosistema) (Silva & Ferreira, 2009), na medida em que as mesmas se constituem como contextos onde o sistema familiar está inserido (Bronfenbrenner, 1994).

1.2. Afetos

Deverá considerar-se, assim, a família como um todo e única (Alarcão, 2002) constituída por uma rede complexa de relações (e emoções) intrínsecas e extrínsecas à mesma (Dias, 2011), onde a afetividade se traduz no estabelecimento e desenvolvimento saudável dos intervenientes. Proveniente do latim *affectio*, o conceito de afetividade é interpretado (1230 a.c) como “*uma emoção da mente*” ou “*um estado de sentimento permanente*” (Floyd, 2006). Apesar de, atualmente, a sua definição se demonstrar como complexa e abrangente, o conceito de afetividade poderá entender-se como um processo cujo resultado se traduz no estabelecimento de uma ligação sentimental recíproca através da emoção inerente à mesma (Abreu, 2013; VandenBos, 2015) – manifestada pelo afeto; constitui-se, assim, como uma “*(...) incorporação dos outros em nós próprios*” (Abreu, 2013, p. 48). Floyd e Morman (1998 citado por Floyd,

2006) definem conceitualmente afetividade como um estado emocional traduzido na afeição e consideração positivas perante um ser vivo e/ou outrora vivo. É, em suma, considerada como uma das três necessidades básicas interpessoais que o ser humano requer não só para o seu desenvolvimento, como para o desenvolvimento de relações positivas – com outros e, também, consigo próprio (Schutz, 1958 citado por VandenBos, 2015).

Neste sentido, importa referir a Teoria da Troca de Afetos postulada por Floyd (2006). Utilizada como fundamento da escala utilizada no presente estudo, esta é uma teoria que concebe a comunicação afetiva como um comportamento adaptativo que contribui para as motivações evolutivas dos seres humanos; a comunicação afetiva confere, assim, benefícios relacionais que aumentam a probabilidade relativa de sobrevivência dos seres humanos. De facto, a comunicação afetiva abrange um conjunto amplo de relações – sejam elas íntimas, pessoais ou sociais; é no estabelecimento e desenvolvimento das relações que os indivíduos empregam o comportamento afetivo com o intuito de demonstrar aos outros o sentimento que nutrem, bem como o interesse inerente à relação. É, neste sentido, que Floyd (2006) enaltece as relações significativamente afetivas pelos seus benefícios ao ser humano, na medida em que é atribuído às mesmas um cariz positivo e, conseqüentemente, saudável, que vai permitir a sobrevivência do mesmo.

1.3. Afetos na família

Alarcão (2002), ao definir o conceito de família como o espaço de vivência de relações afetivas, onde as emoções e afetos inerentes propiciam o desenvolvimento do indivíduo como ser humano, enaltece a importância da presença da afetividade no sistema familiar. De facto, os afetos estabelecidos com elementos da família (e.g. pais, avós) asseguram as necessidades básicas de amor e segurança nas crianças, sendo as mesmas consideradas como a base para outros relacionamentos a longo prazo (Silva, 2012). De acordo com Broffenbrenner (1979), as relações afetivas positivas podem evoluir para um tipo de relação denominada de díade primária que, sendo uma das mais duradouras, prevalece no tempo ainda que não exista uma presença física entre os envolvidos. Neste sentido, a interação afetiva postulada poderá ser percebida tanto a nível do microsistema – por nele decorrerem as primeiras interações e histórias de vida

(Bronfenbrenner, 1994) – como também em mesossistemas – em função da interação recíproca entre o interior e o ambiente exterior ao sistema.

Em contexto familiar, os afetos são identificados na prestação de cuidados e suporte emocional, o que permite o estabelecimento de vínculos afetivos satisfatórios baseados no respeito mútuo e no afeto (Alarcão, 2002). De facto, é demonstrado que a existência de afetividade em ambiente familiar é crucial para o desenvolvimento e bem-estar de todos os intervenientes e, por conseguinte, para a criação, estabelecimento e desenvolvimento de relações positivas ao longo da vida (Mansson et al., 2017; Bernhold & Giles, 2019). Goleman (1995) conclui, neste sentido, que o ambiente familiar representa o primeiro espaço de aprendizagem emocional do ser humano, sendo o espaço onde se descobre o que é sentir emoções, à medida que se observa e interioriza as reações exteriores face ao que sentimos. Face ao exposto, o estudo das várias relações afetivas estabelecidas em contexto familiar, aliado à identificação e compreensão das mudanças do panorama social atual, demonstra-se fundamental para o aprofundamento da área da psicologia familiar e consequente intervenção.

2. Relações Afetivas entre Avós e Netos

2.1. A presença dos avós na família do séc. XXI

Assiste-se, atualmente, a um fenómeno crescente à escala mundial; este é, o envelhecimento da população. O continente Europeu, denominado como o “continente grisalho”, constitui-se como uma das regiões mais envelhecidas do mundo (Buchanan & Rotkirch, 2018; Censos, 2011), sendo Portugal considerado como um dos países da União Europeia em que mais se observa um maior envelhecimento demográfico (Censos, 2011). De facto, a faixa etária idosa constitui-se como um segmento da sociedade que, com o decorrer dos anos, tem vindo a adquirir mais visibilidade pela sua presença e longevidade, provocando, neste sentido, alterações a nível da esfera familiar (como a existência de famílias de idosos e as famílias com idosos) (Silva, 2012).

Com as decorrentes mudanças da sociedade contemporânea, inerentes ao crescente envelhecimento da população, foi verificada, na última década, uma acentuação de transformações ao nível da família e do lugar que esta ocupa na sociedade. Neste sentido, a constituição da família, acrescentando as várias formas

como esta pode evoluir, traduz não só os efeitos dos processos de transformação global, como também os efeitos de um dinamismo e características próprias (Censos, 2011; Hayslip Maiden, Dolbin-MacNab, 2015). Associada à transformação global decorrente nas famílias tradicionais, surge a ampliação da pirâmide geracional da família que, conseqüentemente, propicia a possibilidade de uma convivência e coexistência entre as várias gerações (Lisboa, Miguel, Cabral, Pereira & Carvalho, 2018; Glaser, Price, Di Gessa, Ribe, Stuchbury & Tinker, 2013). Vivenciamos, assim, um momento único na história da humanidade, na medida em que elementos do passado e do presente são combinados e transformados aquando a existência de três (ou mais) gerações nas famílias da atualidade (Glaser et al., 2013; Moore & Rosenthal, 2017).

De facto, sempre que uma criança nasce, nasce também um avô; é interessante refletir acerca das três gerações necessárias para que possa existir a díade entre avô/avó e neto/a (Lumby, 2010). A transição para o momento em que se é avô ou avó é um dos eventos mais significativos na vida adulta, estando-lhe inerentes mudanças a nível individual, familiar e intrafamiliar (isto é, nas relações familiares) (Noy & Taubman-Ben-Ari, 2016). O ser avô/avó não é algo necessariamente escolhido – não existe nenhuma ação consciente que permita ser-se avô ou neto; é por isso que, por vezes, o vínculo entre netos e avós é referido como um “presente”: por ser um “presente” e por existir a oportunidade de se estar presente na continuidade da família (Lumby, 2010).

2.2. Relação Afetiva entre Avós e Netos

A vinculação entre avós e netos ressalta, neste sentido, pela sua importância no desenvolvimento e bem-estar da criança, associada à durabilidade da relação entre ambos. Segundo Bowlby (1999), a vinculação constitui-se como uma estratégia de adaptação biológica, pois o desenvolvimento humano só ocorre, em pleno, quando a interação, cuidado e educação; a qualidade da vinculação estabelecida é, assim, associada à natureza das relações que irão ser estabelecidas ao longo do desenvolvimento natural (Bowlby, 1999; VandenBos, 2015; Moore & Rosenthal, 2017). De facto, e transpondo para a relação entre avós e netos, a existência de comportamentos associados ao “ser avô/avó” como o cuidar, demonstrar carinho, apoiar, escutar, aconselhar... – estar “presente” (Moore & Rosenthal, 2017), vai

influenciar positivamente o desenvolvimento e as próprias atitudes dos netos face ao seu crescimento (Soliz, 2015; Mansson, Floyd & Soliz, 2017).

Subsistem, desta forma, fatores (considerados, também, como preditores) que poderão afetar o estabelecimento de vínculo e desenvolvimento da relação entre os avós e os netos; exemplificando, Becker e Steinbach (2012) indicam que a idade cronológica dos avós vai influenciar a relação que é estabelecida com os netos na medida em que, enquanto avós mais novos (e reformados) poderão possuir mais energia e disponibilidade para estabelecer e desenvolver laços com os netos, avós mais velhos, devido às alterações a nível cognitivo associadas ao envelhecimento, terão mais dificuldade na aproximação e intimidade que é estabelecida com os seus netos. Bangerter e Waldron (2014 citado por MaloneBeach, Hakoyama & Arnold, 2018) demonstram, ainda, que quando os pais detêm uma relação positiva com os seus próprios pais (ou seja, com os avós dos seus filhos), os netos acabam por ter mais contato com os avós – o que vai ao encontro da teoria ecológica e sistémica da família, na medida em que deverá existir uma interdependência entre os membros da família, criando a oportunidade de criar e estabelecer relações entre os mesmos (Alarcão, 2002; Hakoyama & MaloneBeach, 2013).

O género surge, também, como um dos fatores preditores de qualidade de uma relação entre avós e netos (Jamieson, Ribe & Warner, 2018) através de três formas distintas: o género e linhagem dos avós e o género dos netos (Block, 2000). De acordo com evidência científica, o significado particular que avós maternas detêm na vida dos netos continua a dominar perante as restantes ligações intergeracionais (Timonen & Doyle, 2012; Jamieson, Ribe & Warner, 2018); no entanto, num estudo realizado por (Mann, Khan e Leeson, 2013) é verificado que não só as avós maternas, como também os avós maternos, constituem-se como o grupo com maior impacto a nível estatístico aquando a compreensão da perceção dos netos sobre os avós. Existem, ainda, diferenças substanciais em torno das atividades dinamizadas no dia-a-dia entre avós e netos em concordância com o género dos mesmos; metaforizando, Ferland (2006, p.50) cita Westheimer que *“compara a avó ao Ministro da Administração Interna, por se basear no lado afetivo, nas relações entre os membros da família, enquanto o avô desempenha antes o cargo de Ministro dos Negócios Estrangeiros, por ter em consideração as relações da família com o meio exterior”*. De facto, Leseberg e Manoogian (2019), num

estudo apenas com avôs, verificaram que os mesmos não atribuem tanto valor ao lado afetivo, em concordância, segundo os autores, com o lado masculino que tendem a demonstrar. Também Smorti, Tschiesner e Farneti (2012) verificaram que as avós dedicam mais tempo a atividades relacionadas com a linguagem (como é o exemplo do contar histórias da sua família – associando-se, aqui, um traço mais afetivo), enquanto que os avôs são associados à realização de atividades físicas, como caminhadas ou jogos ao ar livre.

2.3. Relação Afetiva entre Avós e Netos Jovens-Adultos

Sendo a presença dos avós cada vez mais assídua e duradoura na vida dos netos (Alarcão, 2002; Lisboa et al., 2018), constituindo-se como uma das relações mais importantes na família (Soliz, 2016; Mansson, Floyd & Soliz, 2017; Sciplino & Kinshott, 2019), torna-se crucial perspetivar a importância da relação entre avós e netos aquando da entrada na idade adulta (Brussoni & Boon, 1998; Mansson, 2016); de facto, segundo Hayslip, Maiden e Dolbin-MacNab (2015), 75% das pessoas nascidas no ano de 2000 terão, pelo menos, um(a) avô/avó vivo quando completarem 30 anos, o que vai ao encontro das recorrentes consequências do aumento da esperança média de vida, permitindo não só a coexistência entre mais gerações, como a durabilidade das relações entre as mesmas (e.g., adultos de meia-idade com pais vivos e, conseqüentemente, jovens-adultos com avós vivos) (OMS, 2012).

O momento de transição da adolescência para a idade adulta constitui-se como um período de movimentação familiar ao qual estão inerentes importantes transformações relacionais (Alarcão, 2002); neste sentido, procura-se observar de que forma a presença dos avós influencia a vida e quotidiano de netos jovens-adultos. Geurts, Van Tilburg e Poortman (2012) verificaram que, existindo uma relação positiva entre avós e netos durante a infância, irá subsistir uma perpetuação da mesma na entrada na idade adulta dos netos (Huo, Kim, Zarit & Fingerman, 2017; Sciplino & Kinshott, 2019). No mesmo sentido, Hakoyama e MaloneBeach (2013) demonstraram que, apesar de existir um declínio na relação à medida que os avós envelhecem, verifica-se uma maior propensão à perpetuação da relação entre avós e netos jovens-adultos aquando da existência de uma relação íntima na infância (o que denota a importância de se estabelecer relações saudáveis e positivas na infância).

Face ao exposto, a relação de proximidade e experiências positivas entre avós e netos constitui-se como uma fonte de apoio e de benefícios não só na infância, como também no momento da entrada na idade adulta (Brussoni & Boon, 1998; Mansson, 2013¹; Mansson, 2016; Huo et al., 2017). De facto, à medida que as configurações familiares se alteram com o decorrer dos anos, as relações estabelecidas com os avós demonstram-se como uma das relações mais consistentes que um jovem-adulto poderá deter (Ruiz & Silverstein, 2007 citado por Sciplino & Kinshott, 2019). A transição para a idade adulta influencia, no entanto, a própria percepção que os netos possuem relativamente à relação estabelecida com os avós (Sciplino & Kinshott, 2019): de acordo com o estudo realizado por Sciplino e Kinshott (2019), verificou-se que existe uma mudança na forma como os netos jovens-adultos se sentiam em relação aos avós desde a infância até à idade adulta, em que sentimentos de entusiasmo associados à infância deram lugar a sentimentos de apreciação e respeito aquando a entrada na idade adulta.

Apesar da entrada na idade adulta, a diferença de género e linhagem familiar permanecem como variáveis determinantes do tipo de relação e partilha entre avós e netos. Hakoyama e MaloneBeach (2020) verificaram que, na perspetiva das netas jovens-adultas, os avós paternos detêm menos influencia a nível da transmissão de valores face ao nível verificado aquando da análise dos avós maternos. No entanto, não deixa de ser também referenciado que, apesar dos baixos níveis verificados, os avós paternos têm vindo a adquirir um papel cada vez mais importante para as netas, nomeadamente as avós paternas. No mesmo sentido, os netos jovens-adultos consideram os avós maternos como os avós focais, isto é, como aqueles que lhes transmitiram os valores em estudo; por outro lado, no que diz respeito aos avós paternos, verificou-se a inexistência de partilha de valores sociais, de lazer e políticos para com os netos (Hakoyama & MaloneBeach, 2020).

Importa, ainda, salientar que é na idade adulta que os indivíduos acabam por perder os seus avós. De forma a identificar o impacto e consequências deste mesmo acontecimento em jovens-adultos, Feldhaus e Murphy (2016) conduziram um estudo qualitativo onde fora verificado que a morte de um dos avós motivou os netos jovens-adultos a melhorar a sua relação para com eles próprios e com os outros. De facto, a morte de um dos avós é reconhecida pelos jovens-adultos como um momento de

valorização da relação que estabeleciam com o mesmo, existindo uma transposição dessa mesma relação para outras; neste sentido, é um momento onde é impulsionada uma vontade de melhorar as relações que os jovens-adultos detêm com outros avós, ainda vivos (Blinn-Pike & McCaslin, 2018).

Existem, assim, várias evidências na literatura para acreditar que as relações entre avós e netos jovens-adultos detêm o potencial de produzir uma importante influencia na vida dos últimos. Por exemplo, Huo et al., (2017), verificaram que uma relação positiva entre avós e netos jovens-adultos propicia formas emocionais de apoio – como escutar, dar conselhos e estar presente na vida dos netos – cruciais para o bem-estar dos jovens-adultos. Por conseguinte, Mansson (2013¹) e Mansson, Floyd e Soliz (2017), verificaram que, existindo uma relação positiva entre avós e netos jovens-adultos, subsiste uma maior propensão a ser-se socialmente ativo, o que é associado a um maior nível de conforto e segurança nas relações interpessoais. Por sua vez, Moorman e Stokes (2016) demonstraram que o nível de afinidade e de contacto existente na relação em estudo vai afetar a existência de sintomas depressivos (tanto nos jovens-adultos, como nos próprios avós); neste sentido, existindo um maior nível de afinidade e de contacto nas relações entre avós e netos jovens-adultos, existe um fator de proteção para a existência de sintomas depressivos. Ainda neste sentido, é demonstrado por Mansson (2013¹) que relações positivas entre avós e netos jovens-adultos são associadas ao bem-estar psicológico em ambas as gerações, incluindo menores níveis de *stress*, de sintomas depressivos e de solidão (Silverstein, 2019).

Face ao exposto, é verificado que a afetividade estabelecida entre os avós e netos vai influenciar não só a sua relação, como o bem-estar dos mesmos. É, neste ponto, que se demonstra pertinente analisar de que formas a afetividade é percebida pelos jovens-adultos, analisando o conceito minuciosamente. De facto, na construção da escala “*The Grandchildren’s Received Affection Scale*”, Mansson (2013³) verificou que netos jovens-adultos podem receber por parte dos seus avós quatro tipo de afetos: amor e estima (ou seja, expressões explícitas de amor, elogio e importância do relacionamento dos avós); cuidar ou importar-se (ou seja, os avós expressam preocupação e interesse acerca da vida dos netos, escutando-os); memórias e humor (ou seja, relatos de histórias sobre as suas vidas e o uso do humor) e comemorativos (ou seja, avós que reconhecem ocasiões especiais na vida dos netos) – sendo que a

combinação das quatro formas de afeto está significativamente associada à proximidade emocional, à identidade familiar partilhada e ao apoio social (Mansson et al., 2017). Neste sentido, Mansson (2013¹) demonstra que a existência de uma comunicação afetiva, por parte dos avós, é estreitamente associada a uma melhor saúde mental dos netos jovens-adultos – verificando-se, nos mesmos, menores níveis de *stress*, de sintomas depressivos, sentimentos de solidão ou isolamento social e, por conseguinte, níveis elevados de envolvimento social e atitudes positivas em relação ao desenvolvimento e estabelecimento de relações (Mansson, 2013¹; Mansson & Sigurðardóttir, 2019).

3. Bem-Estar Psicológico dos Jovens-Universitários e Importância dos Afetos dos Avós

3.1. Bem-Estar Psicológico dos Jovens no Ensino Superior

A frequência no Ensino Superior destaca-se como um momento em que a presença e apoio familiar sofrem mudanças, a par das múltiplas mudanças inerentes à etapa. De facto, esta é uma etapa considerada como um período de confrontação em que são colocados diversos desafios ao jovem-adulto, na medida em que subsiste uma separação do núcleo familiar e social e, simultaneamente, um estabelecimento de novas relações interpessoais onde são explorados e experienciados novos espaços organizacionais e sociais (Castro & Almeida, 2016; Nicholas, Soptich, Tyson, Abraham, Perry & Gillum, 2018). Além das novas experiências associadas à entrada no Ensino Superior, subsiste no quotidiano dos jovens universitários uma maior rigidez face às suas decisões e responsabilidade sobre as mesmas, o que poderá incluir a existência (ou não) de comportamentos saudáveis (Nicholas et al., 2018). Desta forma, a transição da adolescência para a idade adulta, vivenciada (maioritariamente por jovens-universitários), pode constituir-se como um período em que a saúde mental e o bem-estar psicológico poderão ser afetados (Mansson, 2013¹).

Importa salientar que o bem-estar não pode ser associado, por si só, à ausência de saúde; de facto, por se constituir como um conceito complexo, torna-se difícil defini-lo, uma vez que tanto poderá ser associado a afetos e emoções, como ao funcionamento psicológico (Vaz Velho, 2017). No entanto, subsiste o consenso de que a origem deste

conceito advém de uma discussão filosófica e científica (Monteiro, Tavares & Pereira, 2012) entre o hedonismo e a eudaimonia: se, por um lado, o hedonismo assenta no tipo de felicidade que é alcançada quando é evitada a dor (VandenBos, 2015) – atualmente consolidado no modelo do Bem-Estar Subjetivo –, a eudaimonia é o tipo de felicidade alcançada através de autorrealização e propósito de vida (VandenBos, 2015) – corrente no modelo do Bem-Estar Psicológico (Ryff & Keyes, 1995; Ryff & Singer, 1996).

Por englobar o funcionamento psicológico positivo e os seus componentes, o termo e modelo de Bem-Estar Psicológico demonstra-se como o mais abrangente e pertinente de se abordar (Monteiro, Tavares & Pereira, 2012); neste sentido, o bem-estar psicológico poderá ser identificado em seis áreas centrais do funcionamento psicológico positivo, nomeadamente: a aceitação de si, relações positivas com os outros, domínio do meio, crescimento pessoal, objetivos de vida e autonomia (Ryff & Keyes, 1995; Ryff & Singer, 1996). Demonstra-se, assim, crucial analisar a importância que o bem-estar psicológico detém no quotidiano dos jovens-universitários e que preditores poderão existir relativamente ao mesmo.

O género é uma variável que se destaca pela sua importância quando se estuda qualquer outra variável; especificamente na relação entre bem-estar psicológico e a frequência do Ensino Superior, o género feminino constitui-se como um preditor negativo do bem-estar psicológico – isto é, o facto de se ser estudante universitário do género feminino é associado a um reduzido nível de bem-estar psicológico face ao género masculino (Nogueira & Sequeira, 2020). O envolvimento social e a sociabilidade surgem, também, como preditores de bem-estar psicológico em jovens-universitários (Monteiro, Tavares & Pereira, 2012; Nogueira & Sequeira, 2020). De facto, Bhagchandani (2017) verificou que quanto maior o nível de solidão em estudantes universitários, menor é o nível de bem-estar psicológico, o que sugere a importância do envolvimento em atividades sociais e relações interpessoais no bem-estar psicológico. No mesmo sentido, Zwettler, Reiss, Rohrmann, Warnecke, Luka-Krausgrill e Van Dick (2018) verificaram que a identificação social pode ser considerada como um fator protetor da saúde mental em jovens universitários.

No estudo psicométrico da “Escala de Medida de Manifestação de Bem-Estar Psicológico” para adaptação à população portuguesa (Monteiro, Tavares & Pereira,

2012), verificou-se que o bem-estar psicológico dos estudantes universitários poderá também ser previsto pela existência de felicidade, controlo, autoestima e equilíbrio. Evidenciando o efeito da autoestima no bem-estar psicológico em estudantes universitários, Duru e Balkis (2017) demonstraram que quanto menor o nível de autoestima, menor o nível de bem-estar psicológico (o que, no estudo, se verificou também no aumento da procrastinação nos jovens-universitários). Relativamente ao controlo de eventuais momentos de exigência, Freire, Ferradás, Núñez, Valle e Vallejo (2019) verificaram que o bem-estar psicológico possui um efeito direto positivo nas estratégias de *coping* e, simultaneamente, um efeito indireto positivo na autoeficácia de jovens universitários; desta forma, quanto maiores os níveis de bem-estar psicológico nos jovens-universitários, maior o recurso à utilização das estratégias de *coping* (como a reavaliação de situações, planeamento e procura de apoio).

Importa, neste sentido, identificar e explorar que outras variáveis poderão ter efeito no bem-estar psicológico nos jovens-universitários. Sendo a família uma fonte de apoio, considerada como um sistema vivo cujo objetivo assenta na preservação do equilíbrio perante pressões internas e externas de mudança (Alarcão, 2002), torna-se pertinente perspetivar o seu impacto face às mutações inerentes à entrada para e frequência do Ensino Superior.

3.2. Influência dos Afetos dos Avôs no Bem-Estar Psicológico dos Jovens-Universitários

Sendo a interação familiar positiva favorecedora do bem-estar psicológico em jovens-universitários (Yeh, 2018), vários são os estudos que se focam pormenorizadamente no impacto das práticas e presença parental no bem-estar psicológico durante a frequência do Ensino Superior (e.g. García Mendoza, Sánchez Queija & Parra Jiménez, 2019; Cui, Darling, Lucier-Greer, Fincham & May, 2018; Schiffrin, Liss, Miles-McLean, Geary, Erchull & Tashner, 2014; Love & Murdock, 2004). No entanto, segundo Mansson¹ torna-se importante aprofundar outras variáveis pertencentes à temática da família, nomeadamente os afetos e presença dos avós e o seu impacto no bem-estar psicológico dos jovens-universitários.

Aquando da análise da influência dos avós na vida dos jovens-universitários, a vertente emocional destacou-se pela sua relevância, na medida em que jovens-

universitários declaram que os avós influenciam não só na formação do seu caráter, bem como em momentos de maior dificuldade (Dias & Silva, 2003). De facto, a mesma vertente encontra-se presente em estudos sobre a temática, nomeadamente realizados por Mansson e Booth-Butterfield (2011), Mansson (2013¹) e Bernhold (2019).

De acordo com Mansson e Booth-Butterfield (2011), a existência de comunicação afetiva por parte dos avós é associada positivamente ao envolvimento social dos jovens-universitários, enquanto que se relaciona negativamente ao desconforto face à proximidade e isolamento. Desta forma, é existente uma relação linear entre os afetos dos avós e o envolvimento social dos netos – isto é, quanto mais afetos os avós expressarem, maior a probabilidade dos jovens-universitários se demonstrarem como socialmente ativos (discriminando, aqui, o seu desconforto face ao isolamento). Bernhold (2019) demonstra, no mesmo sentido, que a existência de uma comunicação afetiva (presente e projetada no seu futuro) entre avós e netos jovens-universitários surge positivamente associada (ainda que, indiretamente) a menores níveis de solidão, bem como a uma sensação de estabilidade e rotina propícia a um estabelecimento de relações saudáveis e sentimento de pertença. Foi neste sentido que Mansson (2013¹) verificou uma influência positiva das facetas “memórias e humor” e “amor e estima” dos afetos percebidos no bem-estar psicológico dos jovens-universitários – o que, por sua vez, vai propiciar a diminuição de sintomas depressivos nos mesmos. A exposição ao humor (uma das quatro facetas de afetos) surge, na mesma linha, como uma estratégia de *coping* face à instabilidade sentida entre os estudantes (resultados também concordantes com investigação científica na área; e.g. Miczo 2004; Danzer, Dale & Klions, 1990).

Relativamente à presença dos avós, Durão (2017) verificou que jovens-universitários apresentam maiores níveis de bem-estar psicológico quando existe um contacto frequente com os seus avós (e.g. almoços em família e contacto regular com os avós). De acordo com a sua perspetiva, poderá ainda afirmar-se que a presença dos avós e uma relação positiva com os mesmos propicia um sentimento de segurança em relação às circunstâncias de vida em que se encontram (isto é, a frequência do Ensino Superior) (Dias & Silva, 2003; Taylor, Robila & Lee, 2005).

Formulação dos Objetivos

Em concordância com o verificado por Mansson (2013¹), na medida em que os afetos se constituem como uma variável protetora do bem-estar psicológico, pretende-se observar se, na presente amostra, existe uma relação entre os afetos que os jovens-universitários percebem por parte dos seus avós e o seu bem-estar psicológico. Para tal, são estipulados, através da análise teórica da temática, objetivos específicos de forma a particularizar a existência e o comportamento da relação (Hakoyama & MaloneBeach, 2013; Sciplino & Kinshott, 2019; Hakoyama & MaloneBeach, 2020). Desta forma, é explorada a existência de diferenças na percepção do afeto recebido em função de variáveis sociodemográficas (e.g., idade, género); é, também, observado se existe relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido dos avós, bem como se existem diferenças na mesma relação.

Método

Caraterização da Amostra

Foram inquiridos, para o presente estudo, um total de 240 jovens-universitários com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos ($M = 21$; $Mo = 23$). Dos 240 jovens-universitários, 59,6% representam o género feminino. Constatou-se, ainda, que 64,6% dos jovens-universitários frequentam o 1º Ciclo de Estudos, 33,3% o 2º Ciclo de Estudos e 2,1% o 3º Ciclo de Estudos.

Por se constituir como um estudo que envolve jovens-universitários e os seus avós, demonstrou-se pertinente observar se os avós dos jovens-universitários inquiridos se encontravam vivos aquando a recolha dos dados (Tabela 1).

Tabela 1. *Avós Vivos e Falecidos dos Jovens-Universitários*

	Percentagem (%)
Avós Vivos	93.8%
Avós Falecidos	6.3%
Total	100%

Desta forma, constatou-se que 93,8% dos jovens-universitários têm avós vivos à data da recolha dos dados. Atribuindo especificidade à relação de proximidade,

verificou-se que 87,5% dos jovens-universitários detêm uma relação próxima com um/a avô/ó vivo/a.

Devido à diversidade de idades dos avós vivos dos inquiridos, as mesmas foram agrupadas por 5 subgrupos, nomeadamente: <60, 60-65, 66-70, 71-80 e >80 (Tabela 2).

Tabela 2. *Idade dos Avós Vivos*

	Percentagem (%)
<60	7.6%
60-65	2.2%
66-70	24.4%
71-80	5.3%
>80	60.4%
Total	100%

Denota-se, assim, a prevalência do subgrupo de idades superior a 80 anos de vida dos avós dos jovens-universitários inquiridos.

Observou-se ainda qual o último contacto existente com um dos avós (que, aquando a sua inexistência, traduzido na frequência de contacto com o/a avô/a mais próximo previamente ao seu falecimento) (Tabela 3).

Tabela 3. *Último contacto existente com um dos avós*

	Percentagem (%)
Avó Materna	51.2%
Avô Paterno	8.8%
Avó Paterna	33.3%
Avô Paterno	6.7%
Total	100%

Constatou-se, neste sentido, que a avó com maior percentagem de contacto é a Avó Materna e, posteriormente, a Avó Paterna, seguidas dos Avôs que apresentam uma percentagem reduzida face às mesmas.

Relativamente à relação existente entre os pais e os avós dos jovens-universitários, constatou-se que 93,8% da amostra apresenta vivenciar um ambiente familiar positivo. No que concerne à distância demográfica, verificou-se que 55,8% dos jovens-universitários reside demograficamente distante dos avós, sendo que os restantes 44,2% residem demograficamente perto dos avós. Por sua vez, à pergunta “*Encontra-se regularmente com os seus avós?*”, 72,3% dos jovens-universitários responderam que

sim; de facto, o cariz da relação entre avós e netos jovens-universitários pode ser traduzida nas respostas dadas à pergunta “*Quais as atividades que realiza com os seus avós?*”. Para tal, foi realizada uma análise de conteúdo para se concluírem quais os grupos de atividades mais frequentes entre avós e netos (Tabela 4).

Tabela 4. *Percentagem de Repostas aos Grupos de Atividades entre Avós e Netos*

Atividades entre Avós e Netos	Percentagem (%)
Atividades de Quotidiano	63.2%
Auxílio	18.4%
Reuniões de Família	8.8%
Nenhuma Atividade	6.7%
Visitas	2.9%

As atividades de quotidiano como passear/caminhar, conversar, refeições conjuntas, bem como momentos de lazer (e.g. ver televisão, etc.) (63,2%) foram as respostas mais frequentes à pergunta, surgindo, posteriormente, os momentos de auxílio (18,4%) onde foram referidas ações como o auxílio nas lidas da casa, compras, consultas, estimulação cognitiva e/ou pedagógica, fazer companhia, etc. Por fim, surgem as reuniões familiares (e.g. festividades ou aniversários) (8,8%), sucedidas pela inexistência de atividades entre avós e netos (6,7%). As visitas periódicas (2,9%) surgem como o último grupo, onde se verificam as visitas a casa dos avós ou aos lares onde os mesmos se encontram.

No que diz respeito à verificação de alguma alteração a nível da relação entre avós e netos aquando a sua entrada no Ensino Superior, 74,1% não verificou qualquer alteração ao contrário de 25,9% dos jovens-universitários, que verificaram uma alteração a nível da sua relação com os avós. A alteração da relação entre os jovens-universitários e os avós traduz-se, primeiramente, na diminuição de tempo passado com os avós aquando o início do percurso académico. A nível afetivo, são verificadas melhorias na relação, na medida em que é sentido pela amostra um maior nível de demonstração de atenção e carinho, bem como de preocupação. Refere-se, ainda, que se sentem mais próximos dos avós, existindo um maior nível de preocupação e valorização face aos mesmos. O facto de existir uma entrada no Ensino Superior traduz-se num maior nível de confiança e perceção de responsabilidade dos avós para com os netos.

No que diz respeito ao nível de Bem-Estar Psicológico da presente amostra, observou-se, através da realização da mediana para definição de ponto de corte da EMMBEP ($Med = 93$), que a medida de manifestação de bem-estar psicológico na presente amostra se situa nos 91.57 pontos. Conclui-se, assim, que os jovens-universitários do presente estudo não possuem o valor expectável para a existência de bem-estar psicológico.

Através da análise t , procurou-se explorar ainda a existência de diferenças no nível de manifestação de bem-estar psicológico em função da idade e do género dos jovens-universitários.

Tabela 5. Média e Teste- t para Igualdade de Médias em função do Género dos Jovens-Universitários

Subescala	Feminino	Masculino	t	p
	$N = 143$ M	$N = 97$ M		
Felicidade	-.105	.155	1.99	.048

O Teste t independente demonstrou que os jovens-universitários do género masculino apresentam um maior nível de manifestação de bem-estar psicológico, nomeadamente na subescala “Felicidade” ($M = .155$; $p = .048 < .05$), face aos estudantes do género feminino (Tabela 5). No que diz respeito ao género, não foram verificadas diferenças significativas (Tabela 6, Anexo 1).

Instrumentos de Avaliação

Questionário Sociodemográfico. Construído no âmbito do presente estudo, o questionário sociodemográfico é constituído por um conjunto de questões com o intuito de conhecer variáveis quantitativas como o género, idade, situação académica, proximidade com os avós, idade dos mesmos, frequência de contacto, etc. Por conseguinte, é ainda presente no mesmo questões de cariz qualitativo onde se detém o objetivo de identificar as formas de manifestação da importância da relação com os avós e existência de atividades de lazer entre os mesmos.

Escala de Afetos entre Avós e Netos (Mansson, 2013¹; Arsénio, Ribeiro, & Pedro, 2018). De forma a analisar o nível de afetividade existente entre avós e netos foi

aplicada a Escala de Afetos entre Avós e Netos (Arsénio et al., 2018), versão portuguesa do *The Grandchildren's Received Affection Scale* (Mansson, 2013¹). Constituída por 17 itens avaliados sob a escala tipo-Likert (de 1 – discordo fortemente a 7 – concordo fortemente), a presente escala pretende avaliar de que forma os netos recebem afeto por parte dos avós através de quatro fatores: amor e estima (e.g. “O/A meu/minha avô/avó diz-me que me ama”); afeto (e.g. “O/A meu/minha avô/avó ouve aquilo que eu tenho para dizer”); memórias e humor (e.g. “O/A meu/minha avô/avó conta-me histórias sobre a sua vida”) e comemorativos (e.g. “O/A meu/minha avô/avó envia-me postais pelo meu aniversário e nos feriados especiais”). Aquando a análise da consistência interna do instrumento, Manson (2013) verificou um alfa de Cronbach entre .73 e .91 para as quatro subescalas. Aquando a sua tradução e adaptação para a população portuguesa, Arsénio et al., (2018) verificaram um valor de alfa de .92 na subescala de afeto (face a .90 na escala original), de .94 na subescala de amor e estima (face a .89 na escala original), de .90 na subescala de memórias e humor (face a .89 na escala original) e, por fim, de .58 na subescala de comemorativo (face a .75 na escala original), o que demonstra uma fiabilidade muito fraca (.58) relativamente ao mesmo. (Manson, 2013; Arsénio et al., 2018).

Escala de Medida de Manifestação de Bem-Estar Psicológico (EMMBEP) (Massé, Poulin, Dassa, Lambert, Bélair, & Battaglini, 1998; Monteiro, Tavares, & Pereira, 2012). A presente escala visa avaliar o bem-estar psicológico global através de seis subescalas: autoestima (quatro itens), equilíbrio (quatro itens), envolvimento social (quatro itens), sociabilidade (quatro itens), controlo de si e dos acontecimentos (quatro itens) e felicidade (cinco itens) – contabilizando um total de 25 itens avaliados numa escala tipo-Likert de cinco pontos (e.g. 1 – nunca, 5 – quase sempre). Desta forma, quanto mais elevado for o total de respostas obtidas (através da soma das pontuações dos itens), maior será a manifestação de bem-estar psicológico. Relativamente à adequação psicométrica da escala, Massé et al. (1998), verificou um *alfa* de Cronbach entre .71 e .85 – demonstrando-se como psicometricamente adequada. Aquando a adaptação para a população portuguesa da mesma, foi verificado que também os valores de *alpha* de Cronbach obtidos se demonstram psicometricamente adequados: .89 na subescala “felicidade”, .83 na subescala “autoestima” (face a .75 na escala original), .85 na subescala “controlo de si e dos acontecimentos” (igual a .85 na escala original), .83

na subescala sociabilidade (face a .75 na escala original) e, por fim, .67 na subescala “envolvimento social” (face a .75 na escala original) e .69 na subescala “equilíbrio” (face a .71 na escala original), – apresentando um nível de fiabilidade fraco nas duas últimas subescalas (Monteiro et al., 2012).

Procedimentos

Recolha dos Dados. De forma a corresponder às condições éticas inerentes à recolha dos dados, fora planeado realizar a mesma de forma presencial e tradicional (i.e, instrumentos de avaliação impressos e preenchidos em contexto universitário na presença da autora do estudo). No entanto, devido à pandemia COVID-19, demonstrouse pertinente encontrar uma igualmente eficiente e rigorosa. Desta forma, os dados do presente estudo foram recolhidos através da plataforma *Google Forms*, criada para facilitar o processo de alcance de participantes aquando o preenchimento de questionários de diferentes carizes. Permitindo o preenchimento rigoroso dos instrumentos, a plataforma dispõe de ferramentas semelhantes às da aplicação tradicional, na medida em que os critérios éticos de aplicação e resposta aos instrumentos são respeitados – nomeadamente na possibilidade de apresentação e clarificação do Consentimento Informado, assegurando a confidencialidade e normas éticas necessárias à realização de um estudo. A utilização do *Google Forms* destacou-se pela sua eficiência na medida em que, por deter a opção de obrigatoriedade de resposta a todos os itens colocados, assegura não só a rigorosidade de resposta, bem como a inexistência de respostas em branco. Por fim, importa ainda salientar que, em caso de dúvida ou questão aquando o preenchimento dos instrumentos, foi facultado o email institucional da autora do estudo de forma a poderem ser esclarecidos.

Procedimentos de Análise de Dados

Inicialmente, procurou-se caracterizar a amostra do presente estudo; neste sentido, utilizou-se, quantitativamente, a análise descritiva e de frequência relativamente às variáveis demográficas (quanto à média e percentagens) e, qualitativamente, a análise de conteúdo relativamente às perguntas de resposta aberta pertencentes ao questionário sociodemográfico aplicado. Ainda na fase inicial, foi necessário o recurso à análise

descritiva para verificação dos valores de normalidade para tratamento livre de erro das variáveis em estudo.

Foi identificada a percepção do tipo de afeto recebido dos avós pelos jovens-universitários através da mediana dos itens das diferentes subescalas – realizando, assim, uma diferenciação dos resultados entre as mesmas. No mesmo seguimento, foi utilizado o Teste *t* de amostras independentes com o objetivo de se averiguar a existência de diferenças na percepção do afeto recebido em função das variáveis sociodemográficas (idade e gênero dos jovens-universitários) sob o critério de homogeneidade das variâncias (Field, 2009). Para complemento de análise do último ponto, foi realizado novamente o Teste *t* e uma ANOVA (com recurso aos testes robustos de igualdade de médias aquando a inexistência de homogeneidade das variâncias – ANOVA de *Welsh*) para verificação de diferenças na percepção do afeto recebido em função das variáveis sociodemográficas referentes aos avós (idade, gênero e linhagem) (Field, 2009). Por sua vez, foi identificado o nível global de manifestação de bem-estar psicológico dos jovens-universitários em função das variáveis sociodemográficas através da comparação entre as médias e o ponto de corte estipulado para o estudo (realizado através da mediana dos resultados); no mesmo sentido, foi verificado se existem diferenças entre as subescalas da manifestação de bem-estar psicológico em função das mesmas variáveis através do Teste *t* (Field, 2009).

Foi também realizada uma Correlação bi-variada através do coeficiente de correlação de *Spearman* – devido à violação do critério de distribuição normal inerente à ao teste paramétrico (Field, 2009) – de forma a identificar uma possível relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido dos avós. Para corroborar os resultados obtidos através da correlação, demonstrou-se pertinente a realização de uma Regressão Linear Múltipla para análise aprofundada do efeito entre variáveis (atendendo ao valor de *Durbin-Watson* para independência de resíduos, interpretação da curva, verificação de *outliers* e homocedasticidade) (Field, 2009).

Por fim, foi realizada uma Análise de Variância Multivariada (MANOVA) de forma a se observar se existem diferenças na relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido em função das variáveis sociodemográficas dos jovens-universitários, atendendo aos pressupostos de normalidade multivariada (realizada

através da análise da normalidade univariada) e de variâncias-covariâncias (atendido através do teste Teste M de *Box*) (Field, 2009). Apesar de, em parte, não se verificar o pressuposto de normalidade, a utilização da MANOVA é justificada pela sua robustez. É ainda de salientar que o teste estatístico escolhido para interpretação dos dados foi o Traço de Pillai, na medida em que se apresenta como o teste mais robusto a violações das hipóteses (Field, 2009; Field, 2018). Dado que se identificaram diferenças nos resultados da MANOVA, demonstrou-se pertinente efetuar uma análise discriminante: discriminando, assim, quais as variáveis que se diferenciavam através do valor de *Wilks-Lambda* e, posteriormente, através dos Coeficientes de Funções Discriminantes Canônicas Padronizadas e das Funções em Centroides de Grupo (Field, 2009).

Resultados

São apresentados, na presente secção, os resultados obtidos de acordo com os procedimentos estatísticos previamente explicitados. Dividida através dos objetivos estipulados, esta é a secção que atualiza os dados relativamente à temática analisada no presente estudo.

Objetivo 1. Identificar a perceção do tipo de afeto recebido dos avós pelos jovens-universitários.

Verifica-se, de forma global, que os jovens-universitários do presente estudo percecionam um nível razoável de afetos por parte dos avós, na medida em que $\sigma = 1.38$ e $M = 5.27$ para uma pontuação máxima global de 7 (Tabela 7, Anexo 2).

Relativamente à perceção de afeto recebido em função da subescala “Amor e Estima” (Tabela 8, Anexo 3), é verificado que os valores medianos de resposta aos itens 2, 3, 4 e 5 são próximos da pontuação máxima de resposta (e.g. item 2 e 4 com $Med = 6$). No entanto, atribuindo especificidade ao item 1 (“O/A meu/minha avô/avó diz-me que me ama”), constata-se um valor mediano distante da sua pontuação máxima. No que concerne à subescala “Afeto” (Tabela 9, Anexo 4), observar-se uma $Med = 7$ para todos os itens, parte deles (e.g., itens 7, 9 e 10) detêm um valor médio abaixo do valor da Med ; no entanto, efetuando-se a comparação entre a $Med (= 7)$ e a pontuação máxima ($= 7$), conclui-se que os jovens-universitários percecionam os afetos relativos à

subescala no seu máximo. No que corresponde à subescala “Memórias e Humor” (Tabela 10, Anexo 5) verifica-se uma *Med* compreendida entre os valores seis e sete; no entanto, os valores médios dos itens diferem dos seus valores medianos (exceto itens 13 e 14). Tal como na subescala “Afeto”, apesar dos baixos valores relativamente às dos itens, o valor *Med* apresenta-se como adequado, na medida em que se aproxima da pontuação máxima de resposta. Por fim, no que concerne à subescala “Comemorativo” (Tabela 11, Anexo 6), são também verificadas diferenças significativas entre os valores da *Med* dos itens que a constituem; enquanto que os itens 15 e 17 possuem uma *Med* e média relativamente altas, o item 16 apresenta uma *Med* = 1.50 e *M* = 2.98.

Objetivo 2. Explorar se existem diferenças na perceção do afeto recebido em função das variáveis sociodemográficas.

Em função do género dos Jovens-Universitários.

Procedeu-se à análise da média e valores *t* e *p* para verificação de diferenças do afeto recebido em função do género dos jovens-universitários (Tabela 12, Anexo 7) após averiguação do Teste de *Levene*. Apesar de se observarem diferenças entre géneros entre as diferentes subescalas aquando a análise da média, não se verificam diferenças significativas aquando a análise Teste *t*.

Em função do género e linhagem dos avós.

Como complemento, mostrou-se pertinente analisar até que ponto o género e linhagem dos avós poderia influenciar a perceção de afeto recebido por parte dos netos (Tabela 13, Anexo 8; Tabela 14, Anexo 9). No entanto, após análise através do *Teste-t* (após verificação do pressuposto associado ao Teste de *Levene*), não se identificaram diferenças significativas na perceção de afeto percebido dos jovens-universitários em função do género ou linhagem dos avós.

Em função da idade dos Jovens-Universitários.

De forma a observar a existência de diferenças na perceção do afeto recebido em função da idade dos jovens-universitários, procedeu-se a uma análise *t* para comparação de médias (Tabela 15) em concordância com o pressuposto de igualdade de variâncias.

Tabela 15. Média e Teste-t para Igualdade de Médias em função da Idade dos Jovens-Universitários

Subescala	18-21 anos	22-25 anos	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>N</i> = 131 Média	<i>N</i> = 109 Média		
Amor e Estima	.062	-.076	1.06	.286
Afeto	.060	-.072	1.02	.307
Memórias e Humor	.125	-.149	2.09	.037
Comemorativo	.095	-.114	1.61	.107

Constatam-se, através do teste *t*, diferenças significativas na percepção de afeto recebido em função da idade, nomeadamente na subescala “Memórias e Humor”; desta forma, concluiu-se que os jovens-universitários com idades compreendidas entre os 18 e 21 anos tendem a perceber mais afetos referentes à subescala “Memória e Humor” face aos jovens com idades entre os 22 e 25 anos.

Em função da idade dos avós.

Por fim, visou-se analisar se a idade dos avós detém influência na percepção de afetos recebidos por parte dos netos jovens-universitários (Tabela 16, Anexo 10; Tabela 17, Anexo 11). No entanto, após análise através da ANOVA e ANOVA de *Welsh*, não se observaram diferenças significativas.

Objetivo 3. Perceber se existe relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido dos avós.

De forma a dar resposta ao objetivo exposto, foi realizada uma correlação bi-variada entre as diferentes subescalas dos instrumentos de avaliação aplicados no presente estudo; após análise da normalidade da distribuição dos dados através do teste *Shapiro-Wilk*, concluiu-se que o coeficiente a utilizar na interpretação de resultados da correlação bi-variada seria o coeficiente de *Spearman* (Tabela 19).

Foi, assim, constatado que a subescala “Amor e Estima” se correlacionou significativamente (ainda que de forma fraca) com todas as subescalas de manifestação de bem-estar psicológico, nomeadamente com as subescalas “Felicidade”, “Autoestima” e Controlo. No entanto, não existe qualquer correlação com a subescala “Equilíbrio”.

Por sua vez, a subescala “Afeto” apresenta uma correlação positiva significativa (embora fraca) com todas subescalas de manifestação de bem-estar psicológico – e.g., subescala “Sociabilidade”, subescala “Autoestima”. De facto, em comparação com a primeira subescala, a subescala “Afeto” relaciona-se com todas as subescalas, incluindo a subescala “Equilíbrio”. No que diz respeito à subescala “Memórias e Humor”, verificou-se que existe, também, uma correlação positiva e significativa com todas as subescalas da EMMBEP, nomeadamente com as subescalas “Sociabilidade”, “Autoestima”, “Felicidade”, “Controlo” e “Envolvimento”. Por fim, a subescala “Comemorativo” não apresentou qualquer correlação positiva significativa com as subescalas de manifestação de bem-estar psicológico.

De forma a corroborar os resultados da correlação, demonstrou-se pertinente realizar uma Regressão Linear Múltipla; procurou-se, assim, explorar se existe, além de uma relação, um efeito das subescalas do GRAS sobre as subescalas do EMMBEP. Após a averiguação dos pressupostos inerentes à realização da Regressão Linear Múltipla (Gráfico de Dispersão de Resíduos (Anexo 12), Ajustamento à Normalidade (Anexo 13) e Resíduos Padronizados (Anexo 14)), verificou-se que 6,4% da nota global da manifestação de bem-estar psicológico é explicada pelo tipo de afeto percebido pelos jovens-universitários ($R^2 = 064$) (Tabela 19, Anexo 15). Por conseguinte, através da ANOVA (Tabela 20, Anexo 16), constatou-se que o ajuste do modelo é diferente com e sem o preditor – ou seja, incluir as subescalas do GRAS prevê uma nota global de manifestação de bem-estar psicológico superior ($p (.04) < .05$). Após análise, a regressão linear múltipla mostrou que apenas a subescala “Amor e Estima” detém efeito na nota global de manifestação de bem-estar psicológico nos jovens-universitários (Tabela 18).

Tabela 18. *Trajectoria entre Preditores e Critério (Equação de Regressão)*

Modelo	Coeficientes não-Standardizados		Coeficientes Padronizados	t	p	Estatísticas de Colinearidade	
	B	EP	β			Tolerância	VIF
Amor e Estima	3.28	1.48	.188	2.21	.028	.551	1.81
Afeto	1.03	1.70	.059	.609	.543	.420	2.38
Memórias e Humor	.985	1.68	.056	.587	.558	.430	2.32
Comemorativo	-.626	1.37	-.036	-.457	.648	.648	1.54

Tabela 19. *Correlação de Spearman Bi-Variada entre as Subescalas do GRAS e EMMBEP*

Variáveis	Felicidade	Sociabilidade	Controlo	Envolvimento	Autoestima	Equilíbrio
Amor e Estima	.245**	.195**	.208**	.161*	.235**	.077
<i>p</i>	< .001	.002	.001	.012	.000	.233
Afeto	.250**	.291**	.253**	.204**	.255**	.215**
<i>p</i>	.000	.000	.000	.001	.000	.001
Memórias e Humor	.203**	.270**	.227**	.212**	.236**	.146*
<i>p</i>	.002	.000	.000	.001	.000	.024
Comemorativo	.123	.089	.099	.112	.080	.122
<i>p</i>	.056	.169	.126	.083	.215	.058

Objetivo 4. Observar se existem diferenças na relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido em função da idade dos jovens-universitários.

De forma a responder ao objetivo, foi realizada uma MANOVA envolvendo as subescalas do GRAS, a nota global de manifestação de bem-estar psicológico e a idade dos jovens-universitários (Tabela 21, Anexo 17). Apesar de se verificarem diferenças na nota global quando relacionada com a subescala “Afeto” ($p (.03) < .05$), não foram verificadas diferenças significativas na análise aprofundada da relação (Tabela 22, Anexo 18). Face ao exposto, não se verificam diferenças na relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido em função da idade dos jovens-universitários.

Objetivo 5. Observar se existem diferenças na relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido em função do género dos jovens-universitários.

No mesmo sentido que o último objetivo, foi realizada uma MANOVA de forma a detetar diferenças na relação em análise em função do género. Foi através da mesma que se demonstrou existirem diferenças significativas na relação entre o bem-estar psicológico e a nota global de manifestação de bem-estar psicológico em função do género dos jovens-universitários, especificamente na subescala “Afeto” [Traço de Pillai = 1.089; $F = 1.449$; $p (.002) < 0.05$] (Tabela 23 e Tabela 24).

Tabela 23. *MANOVA entre Subescalas do GRAS e Nota Global de Manifestação de Bem-Estar Psicológico em função do Género dos Jovens-Universitários*

Efeito		Valor	F	<i>p</i>
Amor e Estima	Traço de Pillai	1.45	1.14	.171
Afeto	Traço de Pillai	1.09	1.45	.002
Memórias e Humor	Traço de Pillai	.914	1.15	.140
Comemorativo	Traço de Pillai	.709	1.05	.349

Tabela 24. *Testes de Efeito entre as Variáveis em análise*

Origem	Variável dependente	gl	F	<i>p</i>
Afeto	Nota Global	108	1.47	.018
	Género	108	1.37	.043

Neste sentido, procedeu-se à realização da análise discriminante. Apesar do *Wilks' Lambda* não discriminar significativamente os dois grupos, procedeu-se igualmente à análise dos Coeficientes da Função Discriminante como resposta aos valores significativos da MANOVA (Tabela 25).

Tabela 25. *Coeficientes da Função Discriminante*

	Função
	1
NotaGlobal	.979
GRASAfeto	-.480

O facto de as variáveis se encontrarem com valores opostos (i.e, uma como positiva e, outra, como negativa) indica que as diferenças entre os grupos são explicadas pelas diferenças entre as variáveis, existindo uma contribuição de ambas para a combinação linear – (i.e, ambas são significativas) na medida em que valores se aproximam do intervalo 1 e -1 (Field, 2011).

Constata-se, assim, que existe uma diferença na relação entre o bem-estar psicológico e a perceção do afeto recebido em função do género dos jovens-universitários: falta, neste sentido, identificar qual dos géneros se destaca na relação (Tabela 26).

Tabela 26. *Diferença da Função Discriminante*

Género	Função
	1
Masculino	.141
Feminino	-.095

A conotação positiva e negativa das funções indica que os dois grupos se comportam de forma diferente aquando a análise da relação; destaca-se, assim, a conotação positiva do género masculino ($f = .141$) face ao género feminino ($f = -.095$). Conclui-se que o género masculino tende a apresentar uma nota global de manifestação de bem-estar psicológico superior quando associada à subescala “Afeto”.

Discussão dos Resultados

Face ao exposto, é necessário debater-se de que forma os resultados poderão, ou não, corroborar os estudos realizados anteriormente sobre a temática. É, assim, apresentada a discussão dos resultados que coloca em debate os diferentes autores e, ao mesmo tempo, os resultados do presente estudo.

Objetivo 1. Identificar a percepção do tipo de afeto recebido dos avós pelos jovens-universitários.

Por ser um estudo que engloba os afetos percebidos recebidos pelos avós, demonstrou-se pertinente identificar, primeiramente, em que nível os jovens-universitários se encontram relativamente aos mesmos. Após a análise da subescala “Amor e Estima” – que engloba expressões explícitas de amor, elogios e a importância do relacionamento dos avós para os netos – concluiu-se que é existente uma percepção global positiva. Os resultados da presente análise vão, assim, ao encontro do que foi expresso pelos participantes relativamente à alteração da sua relação com os avós aquando a sua entrada no Ensino Superior (e.g. expressão de um maior nível de atenção e carinho dos avós para com os jovens-universitários, associada a uma maior proximidade entre ambos). Foi ainda, neste sentido, que Sciplino e Kinshott (2019) através de uma análise qualitativa, formalizaram categorias que surgem da perspectiva dos jovens-adultos sobre a sua relação com os avós: o contacto e a apreciação mútua da relação, que potencia um maior nível de compreensão e respeito face aos avós. O mesmo poderá transpor-se às subescalas “Afeto” e “Memórias e Humor” – inerentes à preocupação e interesse acerca da vida dos netos e à partilha de histórias –, na medida em que os jovens-universitários do presente estudo sentem, também, este tipo de afeto por parte dos avós. Conclui-se, assim, que os valores das quatro subescalas traduzem a existência de uma relação positiva (associada à existência de afetos) entre os jovens-universitários do presente estudo e os seus avós; de acordo com Mansson (2013¹) as presentes subescalas sugerem que os avós demonstram ser sinceros, atenciosos para com os seus netos jovens-adultos, subsistindo um clima de consideração para com os mesmos.

Por último, importa ainda ressaltar os baixos níveis registados na subescala “Comemorativo” – reconhecimento de ocasiões especiais na vida dos netos por parte dos avós. Este reduzido valor poderá ser explicado pela não adaptação total do questionário, na medida em que o presente item corresponde à expressão “O/A meu/minha avô/avó envia-me postais no aniversário e festividades”, associada a uma ação que não envolve uma comunicação direta (Mansson, Floyd & Soliz, 2017). Na cultura e tradição portuguesa, a presença dos avós em aniversários e festividades é significativamente superior face ao país de origem da escala (Estados Unidos), o que envolve uma comunicação e presença diretas comparativamente ao mesmo. Mansson, Floyd e Soliz (2017) concluem, ainda, que a presente subescala é a que menos surge quando nos referimos aos afetos que os jovens-adultos poderão receber por parte dos seus avós.

Objetivo 2. Explorar se existem diferenças na perceção do afeto recebido em função das variáveis sociodemográficas.

Aquando a análise da existência de diferenças na perceção do afeto recebido em função das variáveis sociodemográficas, foram encontrados resultados ambíguos. Relativamente ao género dos jovens, não foram verificadas diferenças, o que vai ao encontro do estudo realizado por Mansson (2011), onde se verificou que o género dos netos jovens-universitários não detém influencia na comunicação afetiva entre os mesmos e os avós.

No que diz respeito à idade, foi demonstrado que, no presente estudo, os jovens-universitários com idades compreendidas entre os 18 e 21 anos tendem a perceber níveis superiores referente à subescala “Memória e Humor”, face aos jovens com idades entre os 22 e 25 anos. De facto, esta é uma idade em que os estudantes experienciam um elevado nível de *stress*, na medida em que se constitui como o início do percurso no Ensino Superior (Bewick, Koutsopoulou, Miles, Slaa & Barkham, 2010; Rendón, Villalobos, Rovira & Gracia-Leiva, 2020). Como variável protetora do bem-estar dos jovens-universitários, surge a expressão de afetos inerentes à subescala “Memórias e Humor” – i.e., o relato de histórias e a utilização do humor por parte dos avós – que, de acordo com Mansson (2013¹) é associada a baixos níveis de sintomas depressivos nos mesmos. Neste sentido, poderá concluir-se que, no presente estudo, os jovens-

universitários com idades compreendidas entre os 18 e 21 anos detêm uma perceção superior de afetos referentes a “Memórias e Humor”, o que poderá auxiliá-los na proteção do seu bem-estar psicológico.

Como complemento, demonstrou-se pertinente explorar se existem diferenças nos afetos percebidos em função das variáveis sociodemográficas relativas aos avós. Como constatado com Bernhold e Giles (2019), os netos jovens-adultos tendem a perceber um maior clima de afetos inerentes à subescala “Memórias e Humor” por parte dos seus avós. No entanto, no presente estudo, não foram verificadas diferenças na perceção de afeto recebido em função do género dos avós, o que vai ao encontro com a evidência bibliográfica (Mansson 2016; Mansson; 2019), em que não foram verificadas diferenças significativas nos afetos percebidos em função do género dos avós. A próxima variável – linhagem dos avós – é a que se constitui como mais contraditória pelos seus resultados. De acordo com a caracterização da amostra do presente estudo, é constatado que os jovens-universitários tendem a ser mais próximos das suas avós maternas, dado também verificado na literatura (Timonen & Doyle, 2012; Jamieson, Ribe & Warner, 2018; Bernhold & Giles, 2019). No entanto, aquando a análise entre as diferentes subescalas, não foram encontradas diferenças significativas em função da variável, o que contraria e corrobora as conclusões postuladas por Bernhold e Giles (2019); se, por um lado, os autores verificaram que efetivamente não existem diferenças significativas entre as subescalas “Amor e Estima”, “Afetos” e “Comemorativo” em função da linhagem, por outro, apuraram que são os avós paternos que mais partilham afetos inerentes à subescala “Memórias e Humor”.

Objetivo 3. Perceber se existe relação entre o bem-estar psicológico e a perceção do afeto recebido dos avós.

De acordo com a correlação realizada, constatou-se que existe relação entre o bem-estar psicológico dos jovens-universitários e a perceção do afeto recebido dos avós, traduzida na relação positiva entre as diferentes subescalas – exceto a subescala Comemorativo. Ainda que as correlações existentes se apresentem como fracas, existe em todas um nível significativo de correlação – assumindo-se que apenas existirá entre 5 a 1% de erro em afirmar-se de que existe correlação. Os resultados vão, assim, ao encontro do que Mansson, Floyd e Soliz (2017) verificaram, na medida em que a

comunicação de afeto dos avós para com os netos – particularmente através das subescalas “Amor e Estima”, “Afeto” e “Memórias e Humor” – é associada à existência de recursos necessários à preservação da saúde mental dos jovens-universitários (Mansson, 2014). Neste sentido, foi também constatado pelos autores que a subescala “Comemorativo” não detém qualquer influencia no bem-estar psicológico dos jovens, corroborando a inexistência de correlação aquando a sua associação (Mansson, Floyd & Soliz, 2017). Ainda que Mansson (2013¹), aquando a criação da escala, não tenha verificado uma relação uma relação positiva entre a subescala “Afeto” e o bem-estar psicológico dos jovens-universitários, poderá concluir-se, face ao exposto, que o afeto dos avós reduz a existência de sintomas depressivos nos jovens-adultos (Moorman & Stokes, 2016) sendo que quanto superior for, maior será a probabilidade de que os netos detenham um maior nível de bem-estar psicológico (Mansson, 2011).

De forma a aprofundar a relação verificada entre os afetos recebidos por parte dos avós e o bem-estar psicológico, foi realizada uma Regressão Linear Múltipla. Apesar de apenas 6,4% da nota global da manifestação de bem-estar psicológico ser explicada pelo tipo de afeto percebido pelos jovens-universitários, foi verificado que apenas a subescala “Amor e Estima” detém efeito na nota global de manifestação de bem-estar psicológico nos jovens-universitários. Este é um dado que contraria a literatura existente relativamente à temática, na medida em que variáveis associadas a um mal-estar psicológico (como o *stress*, solidão ou sintomas depressivos) não foram significativamente associadas à subescala “Afeto” e “Amor e Estima” Mansson (2013¹); surge, assim, a subescala “Memórias e Humor” como a única preditora de bem-estar psicológico dos jovens-universitários (Mansson, 2013¹).

Objetivo 4. Verificar se existem diferenças na relação entre o bem-estar psicológico e a perceção do afeto recebido em função da idade dos jovens-universitários.

Apesar de se verificar uma relação entre o bem-estar psicológico e a perceção de afeto recebido, não foram constatadas diferenças significativas aquando a inclusão da variável idade. Desta forma, ainda que existam diferenças significativas aquando a análise do bem-estar psicológico em função da idade, poderá concluir-se que não existe uma idade específica em que os afetos percebidos detenham influencia no bem-estar psicológico dos jovens-universitários.

Objetivo 5. Verificar se existem diferenças na relação entre o bem-estar psicológico e a percepção do afeto recebido em função do género dos jovens-universitários.

No entanto, quando a adição da variável “género” na relação entre o bem-estar psicológico e os afetos percebidos, foram verificadas diferenças significativas. Apesar de não terem sido verificadas diferenças significativas em relação ao género em associação aos afetos percebidos (Mansson, 2011) nos objetivos anteriores, esta variável demonstra-se, aqui, como preditora da influência dos afetos no bem-estar psicológico – nomeadamente, quando se é do género masculino. De facto, este é o género que apresenta níveis superiores de bem-estar psicológico (como já verificado no presente estudo e por Nogueira e Sequeira, 2020), fundamentando, neste sentido, a relação verificada no presente objetivo. Face ao exposto, o género masculino tende a apresentar uma nota global de manifestação de bem-estar psicológico superior quando associada à subescala “Afeto” – uma das escalas associadas à proteção do bem-estar psicológico nos jovens-universitários (Mansson, 2014; Mansson, Floyd & Soliz, 2017).

Estudos Futuros e Limitações

Face aos resultados positivos obtidos no presente estudo, enaltecendo o papel significativo dos avós na vida dos netos jovens-universitários, constata-se uma necessidade de aprofundar a relação entre os mesmos – na medida em que se demonstra como muito pouco estudada em comparação com outras relações familiares (Mansson, Floyd & Soliz, 2017) (e.g. relação entre pais e filhos). O facto de a bibliografia não se focar nessa mesma relação constituiu-se como uma restrição à análise aprofundada da temática, o que limitou a expansão de conhecimento e comparação entre estudos sobre a mesma. Neste sentido, ressalta-se a necessidade de se realizarem mais testes psicométricos da “Escala de Afetos entre Avós e Netos” (Mansson, 2013¹) com o intuito de se alcançar uma adaptação e validação adequada aos costumes e valores da população portuguesa (nomeadamente na subescala “Comemorativos”), nomeadamente nos jovens-universitários; de facto, este é um tópico transversal às diferentes populações em que a escala é aplicada (Mansson, Floyd & Soliz, 2017; Arsénio, 2018) na medida em que a subescala “Comemorativo” se demonstra como a que menos detém influência nos afetos percebidos pelos jovens. A aplicação da escala a diferentes populações (crianças, adolescentes e jovens-adultos) torna-se, assim, como fundamental para uma

visão abrangente da variável e, conseqüentemente, para a adequação rigorosa e ética à população portuguesa. Importa ainda salientar que a amostra do presente estudo não é probabilística, o que se demonstra como uma outra limitação ao presente estudo.

Este é um estudo focado apenas na perspectiva dos netos jovens-universitários, o que poderá enviesar o verdadeiro afeto que poderão (ou não) receber por parte dos avós. Neste sentido, e por se demonstrar como uma limitação ao estudo, deverá ser enquadrada em estudos futuros, como resposta à mesma, uma análise qualitativa da relação existente – considerando não só o lado dos netos, como também o dos avós. Face ao exposto, torna-se importante focalizar e dar relevo a variáveis que, no presente estudo, se constituíram como secundárias; este é o caso da variável da “linhagem dos avós” que, em todos os estudos sobre a temática, deteve diferenças significativas (ao contrário do que se verificou no presente estudo). Será interessante constatar-se em que medida a linhagem dos avós poderá influenciar os afetos que os jovens-universitários percebem, identificando a sua influência no bem-estar psicológico dos mesmos.

Considera-se, ainda, que a variável “distância demográfica” deverá ser, também, uma das variáveis a considerar em estudos futuros, na medida em que poderá afetar a relação afetiva existente, sendo que os jovens-universitários são (quase na sua totalidade) deslocados da sua área de residência. De facto, constata-se que avós emocionalmente mais envolvidos tendem a viver demograficamente mais perto dos netos do que avós menos envolvidos (Bates, Taylor & Stanfield, 2018). No entanto, e por outro lado, o facto de se viver demograficamente perto não se constitui como um determinante exclusivo para a formação de relações positivas; é demonstrado que, no mundo contemporâneo em que vivemos, a distância pode ser anulada através das novas formas de comunicação, como é o caso do *email*, das redes sociais e do Skype (MaloneBeach, et al., 2018), ampliando a oportunidade de comunicação entre familiares que se encontrem distantes demograficamente.

Implicações para a Prática

O presente estudo detém resultados suficientemente satisfatórios para a sugestão científica de contribuições para a prática da Psicologia. Considerada como um sistema onde subsistem relações de cariz intrínseco e extrínseco, a família constituiu-se como um espaço privilegiado para intervenção dos múltiplos intervenientes (Alarcão, 2002).

Face aos dados obtidos, poderá afirmar-se que os avós detêm um efeito positivo na vida dos netos jovens-universitários – objeto que poderá ser transposto para a intervenção psicológica com os mesmos. Ao tratarmos o indivíduo através de uma perspectiva holística, conectando todos os sistemas onde se articula e desenvolve, contextualizamo-lo como um todo, propiciando à intervenção um leque de temáticas a abordar e utilizar.

A relação entre avós e netos é bidirecional – ou seja, os benefícios são transversais aos dois polos (Souza, 2014); desta forma, são inúmeras as hipóteses que poderão ser colocadas aquando a intervenção com as duas populações. Se, por um lado, é constatado que os avós detêm a oportunidade de melhorar a vida dos netos jovens-adultos (Huo et al., 2017), os netos, por sua vez, proporcionam aos avós uma motivação para viver mais ativa e criativamente, atribuindo uma conotação especial a esta que é a última fase da vida dos indivíduos (Lisboa et al., 2018). É, neste sentido, que a aposta na intervenção sistémica vai adquirindo maior ênfase na medida em que, ao mesmo tempo que potencia o aprofundar de laços entre os vários intervenientes do sistema familiar, propicia a cada um (na sua individualidade) as respostas necessárias às problemáticas que poderão estar a atravessar – como é o caso, no presente estudo, do bem-estar psicológico associado à frequência do Ensino Superior.

Referências Bibliográficas

- Abreu, J. (2013). Afectos, emoções e conceitos aparentados. *Psilogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca*, 11, 46-51. Retirado de: <https://repositorio.hff.min-saude.pt/handle/10400.10/1101>
- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios Familiares (2a ed.)*. Coimbra: Quarteto.
- Arsénio, J., Ribeiro, & Pedro, (2018). Adaptação Escala de Afetos entre Avós e Netos para população portuguesa - “*The Grandchildren’s Received Affection Scale*”. Disponibilizado pela autora.
- Bates, J. S., Taylor, A. C., & Stanfield, M. H. (2018). Variations in grandfathering: Characteristics of involved, passive, and disengaged grandfathers. *Contemporary Social Science*, 13(2), 187-202. doi: 10.1080/21582041.2018.1433868
- Becker, O. A., & Steinbach, A. (2012). Relations between Grandparents and Grandchildren in the Context of the Family System. *Comparative Population Studies*, 37(3-4). doi: 10.4232/10.CPoS-2012-06en
- Bernhold, Q. S. (2019). Grandparents’ Affectionate Communication toward Grandchildren and Grandchildren’s Mental Health Difficulties: The Moderating Role of Future Time Perspective. *Health Communication*, 1 10. doi:10.1080/10410236.2019.1593080
- Bernhold, Q. S., & Giles, H. (2019). Paternal grandmothers benefit the most from expressing affection to grandchildren: An extension of evolutionary and sociological research. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(2), 514 534. doi: 10.1177/0265407517734657
- Bewick, B., Koutsopoulou, G., Miles, J., Slaa, E., & Barkham, M. (2010). Changes in undergraduate students’ psychological well-being as they progress through university. *Studies in Higher Education*, 35(6), 633-645. doi: 10.1080/03075070903216643
- Bhagchandani, R. K. (2017). Effect of loneliness on the psychological well-being of college students. *International Journal of Social Science and Humanity*, 7(1), 60. Doi: 10.18178/ijssh.2017.V7.796

- Blinn-Pike, L., & McCaslin, B. (2018). College Granddaughters' Memories and Emotions Related to Their Relationships With Their Deceased Grandfathers. *OMEGA-Journal of Death and Dying*, 77(4), 307-329. Doi: 10.1177/0030222816652966
- Block, C. E. (2000). Dyadic and gender differences in perceptions of the grandparent grandchild relationship. *The International Journal of Aging and Human Development*, 51(2), 85-104. doi: 10.2190/VKCU-GN6A-27MU-4867
- Bowlby, J. (1999). *Attachment and loss* (2nd ed). New York: Basic Books.
- Bronfenbrenner, U. (1994). *Ecological models of human development*. International encyclopedia of education, 3(2), 1643-1647.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: natural and planned experiments*. Harvard College. ISBN: 0-674-22457-4.
- Brussoni, M. J., & Boon, S. D. (1998). Grandparental impact in young adults' relationships with their closest grandparents: The role of relationship strength and emotional closeness. *The International Journal of Aging and Human Development*, 46(4), 267-286. doi: 10.2190/2B7B-E3LH-74JJ-UJRY
- Buchanan, A., & Rotkirch, A. (2018). Twenty-first century grandparents: global perspectives on changing roles and consequences. *Contemporary Social Science*, 13:2, 131-144. doi: 10.1080/21582041.2018.1467034
- Candeias, A. A., Alves, A.R., Assis, C., Fernandes, C., Dias, C., & Pereira, R. (2019). Bem-estar e vulnerabilidade ao stresse em estudantes do ensino superior. In, A.A. Candeias, (Coord.). *Desenvolvimento ao longo da vida: Aprendizagem, Bem Estar e Inclusão* (Cap. 8, pp. 148-162). Évora: Universidade de Évora.
- Castro, R. V., & Almeida, L. S. (2016). Ser estudante no ensino superior: observatório dos percursos académicos dos estudantes da UMinho. In L. S. Almeida & R. V. de Castro, *Ser estudante no ensino superior* (pp.1-14). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIEd) e Instituto de Educação, Universidade do Minho. ISBN 978-989-8525-50-5
- Censos (2011). *Caraterização da População e das Famílias*. Instituto Nacional de Estatística.

- Rendón, R., Villalobos, M. V., Rovira, D., & Leiva, M. (2020). A longitudinal study: Affective wellbeing, psychological wellbeing, self-efficacy and academic performance among first-year undergraduate students. *Scandinavian Journal of Psychology*. doi: 10.1111/sjop.12618
- Cui, M., Darling, C. A., Lucier-Greer, M., Fincham, F. D., & May, R. W. (2018). Parental indulgence: Profiles and relations to college students' emotional and behavioral problems. *Journal of Child and Family Studies*, 27(8), 2456-2466. doi: 10.1007/s10826-018-1076-6
- Danzer, A., Dale, J. A., & Klions, H. L. (1990). Effects of exposure to humorous stimuli on induced depression. *Psychological Reports*, 66, 1027-1036. doi: 10.2466/PRO.66.3.1027-1036
- Dias, C. & Silva, M. (2003). Os avós na perspetiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo* 8, 55-62. doi: 10.1590/S1413-73722003000300008
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*. Viseu. ISSN 0872 0215. Nº 19 (2011), p. 139-156. doi: 10.7559/gestaoedesenvolvimento.2011.140
- Durão, M. (2017). Bem-estar psicológico de jovens universitários: contributos da intergeracionalidade. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa Instituto de Educação, Lisboa.
- Duru, E., & Balkis, M. (2017). Procrastination, self-esteem, academic performance, and well-being: A moderated mediation model. *International Journal of Educational Psychology: IJEP*, 6(2), 97-119. doi: 10.17583/ijep.2017.2584
- Feldhaus, R., & Murphy, J. (2016). Making Meaning of a Grandparent Death: A Qualitative Dyadic Study. *Academic Excellence Showcase Schedule*. 50. Retirado de: http://digitalcommons.wou.edu/aes_event/2016/all/50
- Ferland, F. (2006). *Os avós nos dias de hoje: Prazeres e armadilhas*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Field, A. (2009). *Descobrimo a Estatística Usando o SPSS*. Artmed Editora.

- Floyd, K. (2006). *Communicating affection: Interpersonal behavior and social context*. Cambridge, UK: Cambridge University Press. doi: 10.4324/9780511606649
- Freire, C., Ferradás, M. D. M., Núñez, J. C., Valle, A., & Vallejo, G. (2019). Eudaimonic well-being and coping with stress in university students: The mediating/moderating role of self-efficacy. *International journal of environmental research and public health*, 16(1), 48. doi: 10.3390/ijerph16010048
- García, M. D. C., Sánchez Queija, I., & Parra Jiménez, Á. (2019). The Role of Parents in Emerging Adults' Psychological Well-Being: A Person-Oriented Approach. *Family process*, 58(4), 954-971. doi: 10.1111/famp.12388
- Geurts, T., Van Tilburg, T. G., & Poortman, A. R. (2012). The grandparent – grandchild relationship in childhood and adulthood: A matter of continuation? *Personal Relationships*, 19(2), 267–278. doi:10.1111/j.1475-6811.2011.01354
- Glaser, K., Price, D., Di Gessa, G., Ribe, E., Stuchbury, R., & Tinker, A. (2013). Grandparenting in Europe: family policy and grandparents' role in providing childcare. *Grandparents plus*. ISBN: 978-0-9573281-6-7
- Goleman, D. (1995). *Inteligência emocional: A Teoria Revolucionária que redefine o que é ser Inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hakoyama, M., & MaloneBeach, E. E. (2013). Predictors of grandparent–grandchild closeness: An ecological perspective. *Journal of Intergenerational Relationships*, 11(1), 32-49. doi: 10.1080/15350770.2013.753834
- Hakoyama, M., Ko, H. J., & MaloneBeach, E. (2020). Value Similarities with Grandparents among College Students: Gender, Family Lineage, and Relationship Closeness. *Journal of Intergenerational Relationships*, 1-21. doi: 10.1080/15350770.2020.1739587
- Hayslip, M., Maiden, R., & Dolbin-MacNab, M. (2015). Relationships Between Grandparents and Their Grandchildren: An Applied Dyadic Perspective (pp. 279-295). In Kirkcaldy, B. (2015). *Promoting Psychological Well-Being in Children and Families*. Palgrave Macmillan.

- Huo, M., Kim, K., Zarit, S. H., & Fingerman, K. L. (2017). Support grandparents give to their adult grandchildren. *The Journals of Gerontology: Series B*, 73(6), 1006-1015. doi: 10.1093/geronb/gbw208
- Jamieson, L., Ribe, E., & Warner, P. (2018). Outdated assumptions about maternal grandmothers? Gender and lineage in grandparent–grandchild relationships. *Contemporary Social Science*, 13(2), 261-274. doi: 10.1080/21582041.2018.1433869
- Leseberg, J. A., & Manoogian, M. M. (2019). 'It's Just What You Do:' Exploring Relationships Between Young-Adult Grandchildren and their Grandfathers. *PURE Insights*, 8(1), 10. Retirado de: <https://digitalcommons.wou.edu/pure/vol8/iss1/10>
- Lisboa, A., Miguel, D., Cabral, F., Pereira, M., & Carvalho, T. (2018). Como percebem os netos a qualidade da relação com os avós. *Revista Eletrónica de Educação e Psicologia*. Volume 9, 2018, pp. 29-35. ISSN 2183-3990
- Love, K. M., & Murdock, T. B. (2004). Attachment to parents and psychological well being: an examination of young adult college students in intact families and stepfamilies. *Journal of Family Psychology*, 18(4), 600. Doi: 10.1037/0893-3200.18.4.600
- Lumby, J. (2010). Grandparents and grandchildren: a grand connection. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, 8(1), 28-31. doi: 10.1111/j.1744-1609.2010.00156x
- MaloneBeach, E. E., Hakoyama, M., & Arnold, S. (2018). The good grandparent: Perspectives of young adults. *Marriage & Family Review*, 54(6), 582-597. doi: 10.1080/01494929.2017.1414724
- Mann, R., Khan, H. T., & Leeson, G. W. (2013). Variations in grandchildren's perceptions of their grandfathers and grandmothers: Dynamics of age and gender. *Journal of Intergenerational Relationships*, 11, 380–395. doi: 10.1080/15350770.2013.839326

- Mansson, D. H. (2013¹). College students' mental health and their received affection from their grandparents. *Communication Research Reports*, 30(2), 157-168. doi: 10.1080/08824096.2012.763028
- Mansson, D. H. (2013²). The grandchildren's received affection scale: Examining affectual solidarity factors. *Southern Communication Journal*, 78, 70–90. doi:10.1080/1041794X.2012.729124
- Mansson, D. H. (2013³). Affectionate communication and relational characteristics in the grandparent-grandchild relationship. *Communication Reports*, 26, 47–60. doi:10.1080/08934215.2013.798670
- Mansson, D. H., & Booth-Butterfield, M. (2011). Grandparents' expressions of affection for their grandchildren: Examining grandchildren's relational attitudes and behaviors. *Southern Communication Journal*, 76(5), 424-442. doi: 10.1080/1041794x.2010.508554
- Mansson, D. H., Myers, S. A., & Turner, L. H. (2010). Relational maintenance behaviors in the grandchild–grandparent relationship. *Communication Research Reports*, 27(1), 68-79. doi: 10.1080/08824090903526521
- Mansson, D., H. & Sigurðardóttir, A., G. (2019) A Multinational Comparison of Grandchildren's Received Affection from Their Grandparents, *Journal of Intergenerational Relationships*, 17:2, 127-140. doi: 10.1080/15350770.2018.1535343
- Mansson, D., H. (2016) American Grandchildren's Use of Relational Maintenance Behaviors With Their Grandparents, *Journal of Intergenerational Relationships*, 14:4, 338-352. doi: 10.1080/15350770.2016.1229553
- Mansson, D., H., Floyd, K., & Soliz, J., (2017) Affectionate Communication Is Associated With Emotional and Relational Resources in the Grandparent Grandchild Relationship, *Journal of Intergenerational Relationships*, 15:2, 85-103, doi:10.1080/15350770.2017.1294007
- Miczko, N. (2004). Humor ability, unwillingness to communicate, loneliness, and perceived stress: Testing a security theory. *Communication Studies*, 55, 209–226. doi:10.1080=10510970409388615

- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2012). Adaptação portuguesa da escala de medida de manifestação de bem-estar psicológico com estudantes universitários - EMMBEP. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 13(1), 66-77.
- Moore, S., & Rosenthal, D. (2017). *Grandparenting: contemporary perspectives*. Routledge.
- Moorman, S. M., & Stokes, J. E. (2016). Solidarity in the grandparent–adult grandchild relationship and trajectories of depressive symptoms. *The Gerontologist*, 56(3), 408-420. doi: doi.org/10.1093/geront/gnu056
- Nicholas, K. J., Soptich, K. M., Tyson, A., Abraham, S. P., Perry, G., & Gillum, D. R. (2018). College students' perception of family influence impacting their health and lifestyle. *TEACH Journal of Christian Education*, 12(1), 10. Retirado de: <https://research.avondale.edu.au/teach/vol12/iss1/10>
- Nogueira, M. J., & Sequeira, C. (2020). Preditores de bem-estar psicológico em estudantes do ensino superior. *Revista ROL de Enfermería*, 43(1), 356-363. Retirado de: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31491/1/356-363.pdf>
- Noy, A., & Taubman–Ben-Ari, O. (2016). Becoming a grandparent—On transitions and transformations. In *Grandparents of children with disabilities* (pp. 19-37). Springer, Cham.
- Ryff, C. D., & Keyes, C. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719-727. doi: 10.1037/0022-3514.69.4.719
- Ryff, C. D., & Singer, B. (1996). Psychological well-being: Meaning, measurement, and implications for psychotherapy research. *Psychotherapy and psychosomatics*, 65(1), 14-23. doi: 10.1159/000289026
- Schiffrin, H. H., Liss, M., Miles-McLean, H., Geary, K. A., Erchull, M. J., & Tashner, T. (2014). Helping or hovering? The effects of helicopter parenting on college students' well-being. *Journal of Child and Family Studies*, 23(3), 548-557. doi: 10.1007/s10826-013-9716-3

- Sciplino, C., & Kinshott, M. (2019). Adult grandchildren's perspectives on the grandparent-grandchild relationship from childhood to adulthood. *Educational Gerontology*, 45(2), 134–145. doi:10.1080/03601277.2019.1584354
- Silva, A. M. (2012). A colaboração dos avós na educação dos netos. *Interfaces Científicas*, 1(1), 67-75. Retirado de: <https://core.ac.uk/download/pdf/230417044.pdf>
- Silva, S., & Ferreira, J. (2009). Família e ensino superior: Que relação entre dois contextos de desenvolvimento? *Exedra: revista científica*, (1), 101-126. Retirado de: <http://exedra.esec.pt/docs/01/101-126.pdf>
- Silverstein, M. (2019). Growing old and growing up: Grandparents and their adult grandchildren in the context of multigenerational families (pp. 81-94). IN Hayslip, B. & Fruhauf, A., (2019). *Grandparenting: Influences on the dynamics of family relationships*. doi: 10.1177/0192513X19894355
- Smorti, M., Tschiesner, R., & Farneti, A. (2012). Grandparents-grandchildren relationship. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, 895-898. doi: 10.1016/j.sbspro.2012.05.219
- Soliz, J. (2015). Communication and the Grandparent–Grandchild Relationship. *The International Encyclopedia of Interpersonal Communication*, 1-5. doi: 10.1002/9781118540190.wbeic221
- Souza, A. F. D. (2014). Avosidade: a relação entre avós e netos. (Trabalho de conclusão de curso não publicado). Universidade Católica de Brasília.
- Taylor, A., Robila, M. & Lee, H. (2005). Distance, Contact, and Intergenerational Relationships: Grandparents and Adult Grandchildren from an International Perspective. *Journal of Adult Development*, 12(1), 33-41. doi: 10.1007/s10804-005-1280-7
- Timonen, V., & Doyle, M. (2012). Grandparental agency after adult children's divorce. In S. Arber & V. Timonen (Eds.), *Contemporary grandparenting: Changing family relationships in global contexts* (pp.159–180). Bristol: Policy Press
- VandenBos, G. R. (2015). *APA dictionary of psychology*. Washington, DC, US: American Psychological Association.

- Vaz Velho, C. (2017). Integrating the voices of ordinary people in the understanding of Well-being. Proceedings of the II Leipzig-Évora Scientific Meeting in Psychology, Évora, Portugal.
- World Health Organization. (2012). World Health Day 2012: ageing and health: toolkit for event organizers (No. WHO/DCO/WHD/2012.1). World Health Organization.
- Yeh, P. M. (2018). The Relationships among Nursing Students' Family Interaction, Personality and Psychological Well-being in the USA. *EC Psychology and Psychiatry*, 7, 306-320. Retirado de: <https://www.econicon.com/ecpp/pdf/ECPP-07-00250.pdf>
- Zwettler, C., Reiss, N., Rohrman, S., Warnecke, I., Luka-Krausgrill, U., & Van Dick, R. (2018). The relation between social identity and test anxiety in university students. *Health psychology open*, 5(2), 2 : 1–7. doi: 10.1177/2055102918785415

Anexos

Anexo 1.

Tabela 6. *Média e Teste-t para Igualdade de Médias em função da Idade dos Jovens-Universitários*

Subescala	18-21 anos	22-25 anos	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>N</i> = 131 <i>M</i>	<i>N</i> = 109 <i>M</i>		
Felicidade	.023	-.028	.390	.697
Sociabilidade	.019	-.023	.326	.745
Controlo	.017	-.020	.286	.775
Envolvimento	-.002	.002	-.034	.973
Autoestima	.047	-.051	.724	.470
Equilíbrio	-.040	.049	.694	.488

Anexo 2.

Tabela 7. *Nota Global dos Afetos recebidos dos Avós pelos Jovens-Universitários*

Nota Global Afetos		
<i>N</i>	Válido	240
	Omisso	0
<i>M</i>		5.27
<i>Med</i>		5.56
Desvio Padrão		1.38

Anexo 3.

Tabela 8. *Valores médios e mediana da Subescala “Amor e Estima”*

		1. “(...) diz-me que me ama”	2. “(...) diz-me que tem saudades minhas”	3. “(...) diz-me que tem orgulho em mim”	4. “(...) diz-me que gosta de passar tempo comigo”	5. “(...) diz-me que eu sou especial para ele/ela”
N	Válido	240	240	240	240	240
	Omisso	0	0	0	0	0
<i>M</i>		4.19	4.95	4,74	5,05	4,70
<i>Med</i>		4.00	6.00	5,00	6,00	5,00
Mínimo		1	1	1	1	1
Máximo		7	7	7	7	7

Anexo 4.

Tabela 9. *Valores médios e mediana da Subescala “Afeto”*

		6. “(...) pergunta-me como vão as coisas”	7. “(...) pergunta-me como estou”	8. “(...) ouve aquilo que eu tenho para dizer”	9. “(...) presta atenção quando eu falo”	10. “(...) faz-me perguntas sobre a minha vida”
N	Válido	240	240	240	240	240
	Omisso	0	0	0	0	0
<i>M</i>		6.20	6.24	5.82	5.83	5.88
<i>Med</i>		7.00	7.00	7.00	7.00	7.00
Mínimo		1	1	1	1	1
Máximo		7	7	7	7	7

Anexo 5.Tabela 10. *Valores médios e mediana da Subescala “Memórias e Humor”*

		11. “(...) conta-me histórias sobre a sua vida”	12. “(...) conta-me piadas”	13. “(...) conta-me memórias engraçadas do seu passado”	14. “(...) conta-me histórias engraçadas”
N	Válido	240	240	240	240
	Omisso	0	0	0	0
<i>M</i>		5.84	4.96	5.69	5.42
<i>Med</i>		7.00	6.00	6.00	6.00
Mínimo		1	1	1	1
Máximo		7	7	7	7

Anexo 6.Tabela 11. *Valores médios e mediana da Subescala “Comemorativo”*

		15. “(...) dá-me dinheiro”	16. “(...) envia-me postais pelo meu aniversário e nos feriados especiais”	17. “(...) oferece-me presentes em ocasiões especiais”
N	Válido	240	240	240
	Omisso	0	0	0
<i>M</i>		5.47	2.98	5.57
<i>Med</i>		6.00	1.50	6.00
Mínimo		1	1	1
Máximo		7	7	7

Anexo 7.Tabela 12. *Média e Teste-t para Igualdade de Médias em função do Género dos Jovens-Universitários*

Subescala	Género Feminino	Género Masculino	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>N</i> = 143 <i>M</i>	<i>N</i> = 97 <i>M</i>		
Amor e Estima	-.098	.144	1.85	.066
Afeto	.027	-.040	-.510	.611
Memórias e Humor	.047	-.069	-.878	.381
Comemorativo	.002	-.002	-.037	.971

Anexo 8.Tabela 13. *Média e Teste-t para Igualdade de Médias em função do Género dos Avós*

Subescala	Género Feminino	Género Masculino	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>N</i> = 203 <i>M</i>	<i>N</i> = 37 <i>M</i>		
Amor e Estima	.008	-.045	-.298	.766
Afeto	-.020	.109	.725	.469
Memórias e Humor	-.020	.111	.735	.463
Comemorativo	-.019	.108	.716	.475

Anexo 9.Tabela 14. *Média e Teste-t para Igualdade de Médias em função da Linhagem dos Avós*

Subescala	Avós Maternos	Avós Paternos	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>N</i> = 144 <i>M</i>	<i>N</i> = 96 <i>M</i>		
Amor e Estima	.029	-.044	.552	.582
Afeto	.091	-.136	1.65	.100
Memórias e Humor	.094	-.140	1.74	.08
Comemorativo	-.013	-.019	-.241	.810

Anexo 10.

Tabela 16. ANOVA em função da Idade dos Avós

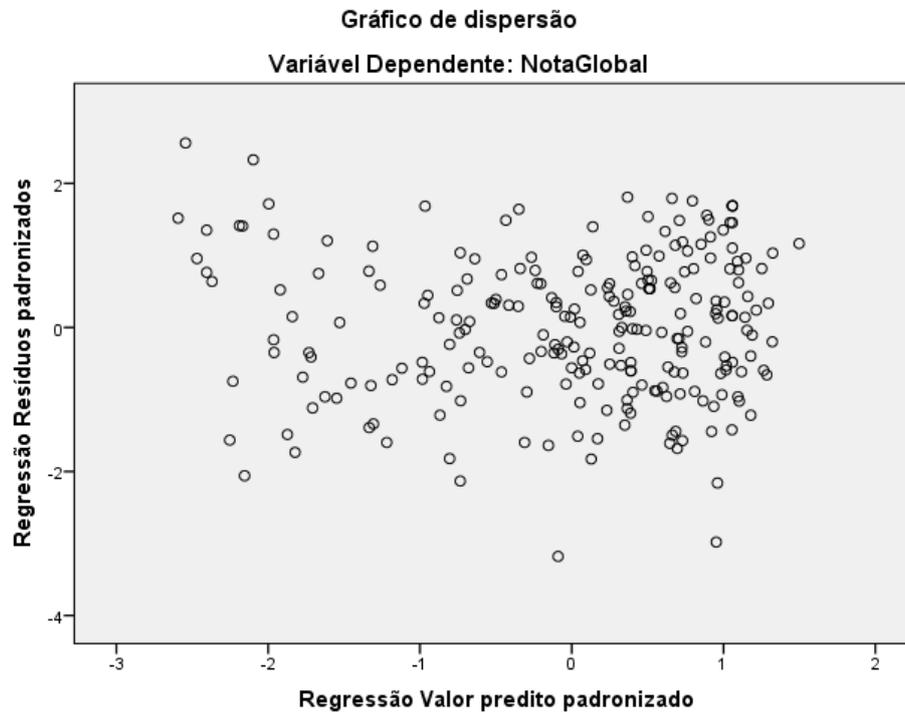
		Soma dos		Quadrado		
		Quadrados	gl	Médio	F	p
Amor e Estima	Entre	4.792	5	.958	.957	.445
	Grupos					
	Nos grupos	234.208	234	1.001		
	Total	239.000	239			

Anexo 11.

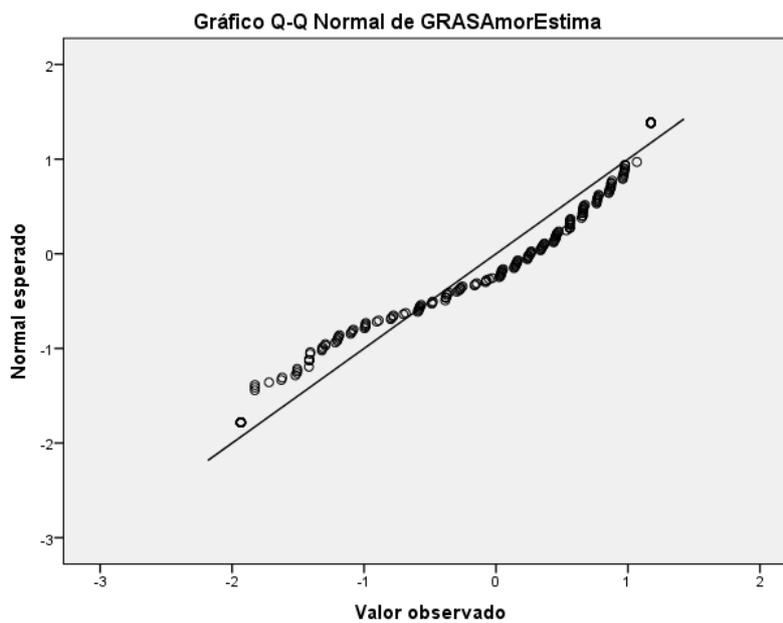
Tabela 17. Testes Robustos de Igualdade de Médias em função da Idade dos Avós

		p
Afeto	Welch	.530
	Brown-Forsythe	.782
Memórias e Humor	Welch	.058
	Brown-Forsythe	.122
Comemorativo	Welch	.150
	Brown-Forsythe	.040

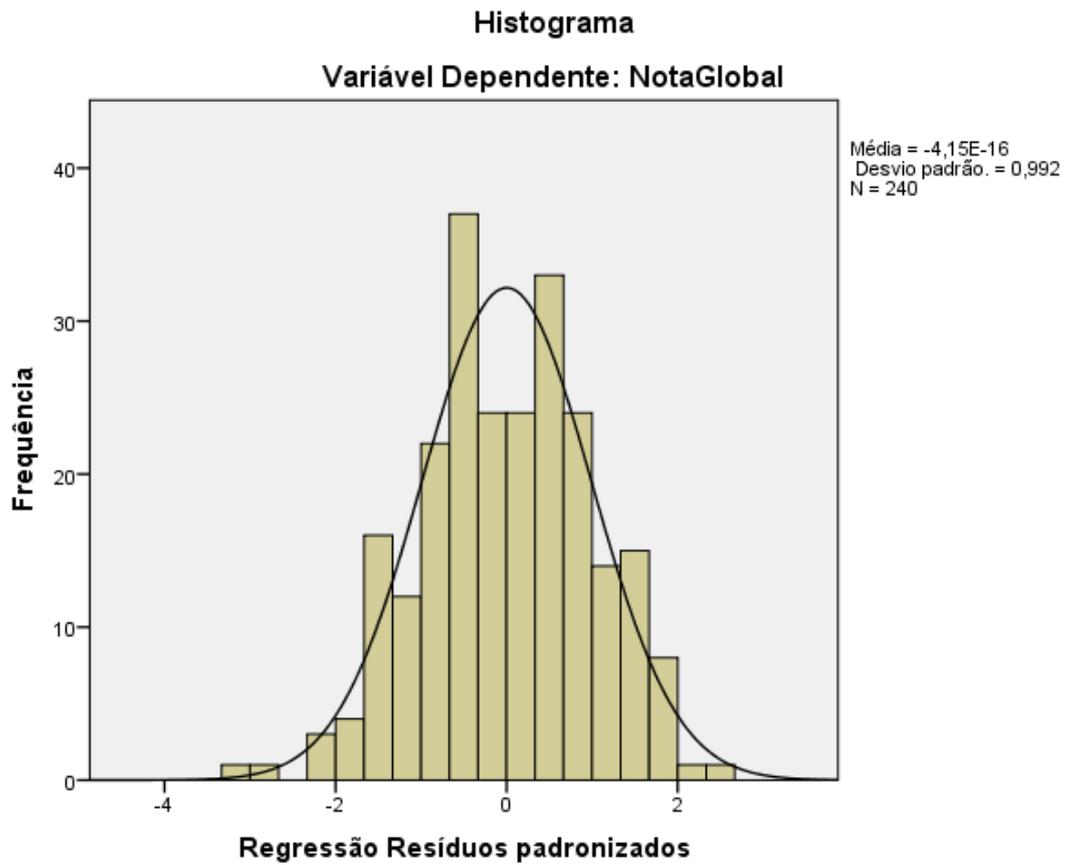
Anexo 12. Gráfico de Dispersão



Anexo 13. Ajustamento à Normalidade



Anexo 14.



Anexo 15.

Tabela 19. *Explicação da Variância entre as Subescalas e Nota Global de Bem-Estar Psicológico*

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa	Durbin-Watson
1	.252	.064	.048	17.036	2.029

Anexo 16.

Tabela 20. ANOVA em função das Subescalas e Nota Global de Bem-Estar Psicológico

Modelo		Soma dos		Quadrado		Sig.
		Quadrados	gl	Médio	F	
1	Regressão	4630.924	4	1157.731	3.989	.004
	Resíduo	68203.872	235	290.229		
	Total	72834.796	239			

Anexo 17.

Tabela 21.

MANOVA entre Subescalas do GRAS e Nota Global de Manifestação de Bem-Estar Psicológico em função da idade dos Jovens-Universitários

Efeito		Valor	F	<i>p</i>
Amor e Estima	Traço de Pillai	1.345	.995	.522
Afeto	Traço de Pillai	1.022	1.267	.034
Memórias e Humor	Traço de Pillai	.916	1.155	.134
Comemorativo	Traço de Pillai	.700	1.030	.409

Anexo 18.

Tabela 22. Testes de efeitos entre sujeitos

Origem	Variável dependente	Tipo III		Quadrado		Sig.
		Soma dos Quadrados	gl	Médio	F	
GRASAfeto	Idade	28.118	108	.260	1.087	.323
	NotaGlobal	39848.635	108	368.969	1.465	.018

a. R Quadrado = ,473 (R Quadrado Ajustado = ,038)

b. R Quadrado = ,547 (R Quadrado Ajustado = ,174)